UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARCO AURÉLIO DUQUE LOURENÇO

**Um rio e dois parques: a formação da rivalidade
entre Corinthians e Palestra Itália durante o
período de construção de seus estádios (1917-1933)**

São Paulo
2013

MARCO AURÉLIO DUQUE LOURENÇO

**Um rio e dois parques: a formação da rivalidade
entre Corinthians e Palestra Itália durante o
período de construção de seus estádios (1917-1933)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História Social do Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social
Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos

**São Paulo
2013**

AGRADECIMENTOS

Agradeço com profunda dívida pessoal e profissional ao meu orientador, Flávio de Campos, que demonstrou apoio e exigiu minha força da forma mais justa possível.

Aos companheiros da Cinemateca Brasileira, em especial Fábio Kawano, hoje meu caro amigo, que sempre foi mais que um chefe, um líder que entende como poucos o melhor de cada um. Fácil.

Ao gentil jornalista Celso Unzelte por ter aberto uma porta que ninguém havia sequer me mostrado.

Aos meus caros amigos do GIEF, e em especial Diana, pelas leituras; Marcel, pela prontidão da gentileza e fraternidade com meu trabalho; e Serginho, parceiro de trabalhos e de futuros grandes projetos.

Aos meus velhos irmãos do Vale do Paraíba: Emerson, Rafael e Felipe. E aos meus nem tão novos irmãos historiadores: Ariam, Breno e Thiago.

À minha carinhosa e leal família que assistiu o trabalho de longe, mas que jamais deixou de se fazer perto. Ao meu amor que tem oito letras, nasceu no interior e fez brilhar os olhos como estrelas só na cidade grande.

E ao meu pai, que diante de muitos silêncios interrompia o mundo pra gritar “é gol”.

Este gol é seu também. E alvinegro.

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa debruçada sobre o período da história do futebol brasileiro conhecido como “crise do amadorismo”, que atravessa as décadas de 1910 e 1920, até 1933, ano em que o futebol profissional se formaliza em São Paulo. O intuito desta investigação histórica consiste em identificar as origens de uma das maiores rivalidades do futebol brasileiro, o derby Corinthians e Palmeiras, à luz das dinâmicas sociais, econômicas e políticas envolvidas com o processo de profissionalização desse esporte que produzem seus maiores símbolos de desenvolvimento: os estádios.

Palavras-chave: Futebol; Rivalidade; Estádio; Crise do Amadorismo

E-mail: marco.lourenco@usp.br

ABSTRACT

This work is the result of a research bent over the period of the Brazilian football history known as "crisis of amateurism" that crosses the 1910s and 1920s, until 1933, the year that professional football is formalized in São Paulo. The purpose of this research is to identify the history origins of one of the greatest rivalries in Brazilian football, Corinthians and Palmeiras derby, in light of the dynamic social, economic and political involved with the process of professionalization of the sport they produce their greatest symbols of development: stadiums.

Key-words: Football; Rivalry; Stadium; Crisis of Amateurism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estádio do Fluminense em 1919. Fonte: Revista Careta, 1919.

Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/759>>.

Acesso em: 15 jun. 2009.

Figura 2 – Torcida acompanha partida entre Palestra Itália e Botafogo à ocasião do lançamento da pedra fundamental do estádio Palestra Itália.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 12 mar. 1929, p. 12.

Figura 3 - Anúncio da cervejaria Antártica.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 13 ago. 1933, p. 10.

Figura 4 – Estádio Alfredo Schürig.

Fonte: <<http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2010/09/o-coringao-centenario.html>>.

Acesso em: 10 jul. 2010.

Figura 5 – Planta do Estádio Parque Antarctica.

Fonte: <http://www.3vv.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=619:parque-antarctica&Itemid=11> Acesso em: 10 jul. 2010.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Introdução	14
Primeiros Passes e Disputa pela Posse de Bola: Década de 1910	14
Capítulo 1	29
Tira Teima: Métodos e Fontes	29
Capítulo 2	36
2.1. Viradas de Jogo: A Modernidade Paulistana e o Futebol	36
2.2. Jogo Coletivo: A formação dos espaços públicos	42
2.3. Cidade do Futebol: Urbanismo e Territorialização	51
Capítulo 3	62
3.1. Saída de bola: As imagens das fundações de Corinthians e Palestra Itália	62
3.2. O Rio: O encontro no campo e o surgimento da rivalidade	70
3.3. Dois Parques: A construção dos estádios	82
Considerações Finais	106
Bibliografia	110

Apresentação

Os historiadores, conquanto microcósmicos, devem se posicionar em favor do universalismo, não por fidelidade a um ideal ao qual muitos de nós permanecemos vinculados, mas porque essa é a condição necessária para o entendimento da história da humanidade, inclusive a de qualquer fração específica da humanidade. Pois todas as coletividades humanas são e foram necessariamente parte de um mundo mais amplo e mais complexo.

Eric Hobsbawm, *Sobre História*, 1998, p. 292.

Há de se dizer que optar por estudar a capital paulista do início do século XX não foi uma decisão aleatória. Desde o primeiro quarto de século, São Paulo tornara-se um importante centro político e econômico em função do alto investimento industrial, financiado pela exorbitante riqueza acumulada da cultura cafeeira.

Mais do que uma avalanche de capital que semeava o solo paulistano, dando origem a milhares de plantas de fábricas, a cidade de São Paulo foi fertilizada pela modernidade, e o resultado foi uma paisagem cheia de paradoxos, típica dos emergentes e ebulitivos centros urbanos.

De um lado, o progresso era demonstrado com frutos exemplares. Energia elétrica, bondes, automóveis, rádio e jornais se misturavam aos canteiros de obra que iam se multiplicando pela cidade. No entanto, é sabido que, do ponto de vista social, a dinâmica dessa prosperidade era desigual e determinada por forças políticas e econômicas que garantiam a inércia desse processo.

A própria mão de obra responsável pelo crescimento urbano de São Paulo, submetida a precárias condições de trabalho, e o acesso restrito aos bens materiais dessa modernidade contrapõem a realidade retratada nostalgicamente da cidade que ficou conhecida como a “terra do trabalho”.

Esta terra funde o branco, o índio, o negro e o estrangeiro num frágil arranjo social costurado por linhas discursivas que objetivavam senão deter as fragmentárias e litigiosas identidades coletivas, ao menos forjar um sentido de uma nova civilização. No entanto, o amadurecimento daquele que seja talvez o único fruto consumido por todos foi inegavelmente regado com o sangue e suor dos trabalhadores da cidade. Esse fruto foi o futebol.

A historiografia vem caminhando a passos largos em direção à consolidação do futebol como objeto de estudo das ciências humanas, podendo-se inclusive mapear gerações de pesquisadores que percorreram o tema. O historiador Leonardo Pereira (2000, p. 280) sentencia com felicidade um balanço das visões acadêmicas acerca do futebol: “As interpretações que fazem do futebol um mecanismo disciplinar ou um instrumento de alienação estão realmente, no período, presentes no debate sobre o jogo; elas constituem, porém, apenas uma parte dele”.

Acrescento a essa afirmativa uma preocupação em destacar o futebol como um dos agentes formadores da sociedade brasileira – no nosso caso, a paulistana. O universo do futebol, que atrela o jogar, torcer, comentar ou apostar, mobilizou indivíduos de todos os segmentos sociais; estabeleceu fortes laços supra familiares; interferiu diretamente na paisagem da cidade, ao aterrar várzeas, carpir prados ou erguer arquibancadas; produziu um vasto repertório de símbolos, expressões e gestos inteligíveis, muitas vezes, apenas em seu contexto e por seus praticantes; e estabeleceu um campo de comunicação que atinge uma nova dimensão pública.

Esse campo se assemelha, em suas devidas proporções e adequações, às condições atribuídas ao carnaval medieval por Bakhtin:

um novo modo de relações humanas, opostas às relações sócio-hierárquicas todo-poderosas da vida corrente. A conduta, o gesto e a palavra do homem se

libertam da dominação das situações hierarquizadas (camadas sociais, graus, idades, fortunas) que as determinam intensamente fora do carnaval e se tornam excêntricas, deslocadas do ponto de vista da lógica da vida habitual. (BAKHTIN, 1987, p. 17).

Esta noção que percorre a cultura dual que circula entre o profano e o sagrado do cotidiano medieval é pulverizada numa polissemia própria da modernidade tardia brasileira. Os referenciais do tradicional (no futebol, pensemos no amador) e moderno (profissional), ainda que constituam balizas imprescindíveis para a inteligibilidade do processo histórico que decorre, tornam-se limitados ao nos debruçar na pluralidade de futebolis (DAMO, 2007) e os ordenamentos dinâmicos e mutáveis dos indivíduos em torno do universo futebolístico; sendo que, a mobilização de clubes como o Sport Club Corinthians Paulista e Palestra Itália rumo à profissionalização é apenas um feixe de luz do prisma do futebol.

Meu interesse acadêmico pelo tema foi projetado por duas razões significativas: do ponto de vista pessoal, tal como tantos outros pesquisadores desta área, a grande paixão por este esporte; ademais, eu já vinha trabalhando como *freelancer* para revistas de futebol e pesquisa para cinema, o que me levou a participar da produção do longa-metragem *Todo Poderoso, o filme: 100 anos de Timão* e participar por dois anos do trabalho de catalogação do acervo de diversos telejornais e cinejornais, de lotes importantes como o da TV Tupi, Herbert Richers e principalmente, o Canal 100, adquirido pelo Ministério da Cultura e depositado na Cinemateca Brasileira.

No entanto, o projeto de pesquisa intitulado “Um rio e dois parques: A construção dos estádios Alfredo Schurig e Palestra Itália e o surgimento da rivalidade entre Corinthians e Palmeiras (1917 – 1933)” que deu origem a esta dissertação se consolidou apenas no segundo ano do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

A ideia de trabalhar no feixe história sociocultural do futebol se iniciou fim do segundo semestre de 2009, quando tive contato com meu atual orientador Prof. Dr. Flávio de Campos. Naquele momento, a ideia de iniciar um projeto de pesquisa centrava-se, à luz da retomada de uma das grandes tradições políticas do esporte brasileiro: “a construção generalizada de estádios com recursos públicos”¹, na investigação do processo de construção dos principais estádios da cidade de São Paulo.

Por um breve período esbocei um projeto capaz de abarcar uma quantidade numerosa de objetos de análise que seriam os estádios: Parque São Jorge (Corinthians), Parque Antártica (Palmeiras), Conde Rodolfo Crespi (Juventus), Pacaembu (Prefeitura de São Paulo), Canindé (Portuguesa) e Morumbi (São Paulo). Entretanto concluiu-se que as temporalidades envolvidas em cada obra remetiam a períodos de características muito particulares da história do futebol brasileiro; os objetos de análise continham naturezas muito heterogêneas, misturando obras públicas e particulares; e ademais, percorreriam um intervalo de quarenta anos (1920-1960), demasiado extenso para as disposições desta pesquisa.

A escolha pelos estádios do Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras, no caso, este ainda com o nome de Palestra Itália, deu-se por motivos diversos: a contemporaneidade das obras, a escassez de estudos verticalizados sobre estes estádios, a ambivalência do futebol paulista protagonizada pelos clubes e, inegavelmente, o interesse pessoal pela memória do meu clube de coração.

Com o tema mais fechado, iniciei o primeiro ano do mestrado me dividindo entre as reuniões do GIEF (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol) e as disciplinas da pós-graduação. Criado em 2004, o grupo me permitiu entrar em contato com diversos pesquisadores de larga trajetória e inúmeros atores do cenário esportivo. Como um desdobramento do envolvimento neste círculo, me tornei sócio colaborador

¹ MASCARENHAS, 2002, p. 5.

do portal Ludopédio², importante centro virtual de agrupamento e difusão da produção cultural e científica sobre futebol no país.

Ademais, no segundo semestre de 2010, participei da organização do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa Sobre Futebol e Modalidades Lúdicas). O Núcleo é o resultado de uma série de iniciativas individuais e coletivas de pesquisadores de diferentes níveis de formação e instituições que foi articulado às vistas da abertura de um edital da Universidade de São Paulo que visava criar diversos Núcleos de Apoio à Pesquisa (NAP). O projeto aprovado viabilizou a existência do LUDENS como o primeiro núcleo da USP voltado a esta temática. Posteriormente, em dezembro de 2011, integrei no programa de bolsas CNPQ/CAPES com vigência de dois anos.

* * *

Este trabalho foi dividido em dois grandes capítulos através de uma narrativa circular em que as temporalidades são acionadas de acordo com o desenvolvimento dos temas propostos: amadorismo x profissionalismo; modernidade paulistana; espaço público; urbanismo; imprensa esportiva e rivalidade.

A proposta desta pesquisa vem amadurecendo a medida do seu desenrolar; não foram poucas releituras e falsas pistas encontradas em direção às hipóteses elaboradas. Os objetos de análise Corinthians e Palestra Itália – e seus respectivos estádios –, contudo, foram mantidos ao custo de um novo entendimento já não mais intuitivo e hipotético, mas sim ancorados a um corpo documental variado.

O material de pesquisa utilizado, contudo, concentra-se nos diários impressos O Estado de S. Paulo e Folha da Noite, muito embora não ignore análises e referências a outros jornais como Gazeta, Correio Paulistano, Fanfulla, Jornal do Comércio, O

² Disponível em: <www.ludopedio.com.br>.

Imparcial e o Paiz. Completam o corpus documental trechos de atas de reuniões dos clubes, extraídos de cronistas da época e autores mais recentes e de consultas ao acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo e aos acervos virtuais da Biblioteca Nacional, Assembleia Legislativa, Câmara Municipal, Fundação Energia e Saneamento e Arquivo Municipal Washington Luís que revelaram mais pistas das transformações políticas e urbanas em andamento no período estudado.

A narrativa, primeiramente, percorre os primórdios da prática do esporte na cidade, tensionados pela ambivalência amadorismo e profissionalismo, a modernidade tardia, as transformações do território urbano e a formatação de espaços públicos; em seguida, os materiais de pesquisa são introduzidos junto ao método de desenvolvimento.

As fundações de Corinthians e Palestra Itália são discutidas em meio as transformações da paisagem urbana da capital. Este cenário moderno, urbano, com novas dinâmicas sociais apresentado abre espaço para o ultimo capítulo que analisa a construção dos estádios dos clubes e a própria discussão em torno da rivalidade.

Introdução

Primeiros Passes e Disputa pela Posse de Bola: Década de 1910

Desafio um indivíduo a visitar o estádio municipal Paulo Machado de Carvalho em dia de jogos do Sport Club Corinthians Paulista vestindo trajes da cor verde. Esta pessoa certamente será vaiada, pressionada e até mesmo agredida até que a peça seja removida. Da mesma forma, um torcedor vestido de alvinegro tem grandes chances de “perder” sua indumentária durante uma partida da Sociedade Esportiva Palmeiras no estádio Palestra Itália. Estes protocolos que não são exclusivos destes clubes paulistas – tais como as cores vermelhas não são bem vindas ao estádio Olímpico de Porto Alegre, ou as cores azuis nas arquibancadas do Mineirão em dia de jogo do Clube Atlético Mineiro – remontam a tempos remotos da história do futebol brasileiro.

A rivalidade é costumeiramente entendida pela imprensa e opinião pública como um ingrediente essencial que apimenta o caldeirão do futebol, amplificando as emoções e motivações do espetáculo esportivo. Ao mesmo tempo, este componente também é tido como responsável por muitos episódios de violência que permeiam o futebol. Esta duplicidade de sentidos da rivalidade é tratada pelo senso comum como uma aporia, e a questão raramente é discutida longe destes termos, o que fatalmente empobrece as análises tanto das origens quanto do papel que o antagonismo da competição cumpre no esporte e na sociedade, e ainda, envidraça permanentemente um retrato da violência no futebol sem tomar com referência outros fatores, processos e conjecturas.

O periódico carioca *Rua* descreve o entusiasmo causado pelo futebol e o perfil do seu torcedor:

O futebol é a loucura dos domingos. Os bondes passam cheios à tarde em demanda dos “*fields*” do América, do Fluminense ou do Botafogo. Lá dentro, no campo, as arquibancadas regorgitam. [...] Do outro lado, ao sol, gente modesta se acotovelava. [...] O torcedor do Botafogo, por exemplo, não tolera o América, o do Fluminense não suporta o Flamengo, o do Andaraí, os clubes do lado de cá e assim por diante. No futebol como em tudo o carioca é o verdadeiro “torcedor”, não admite jogadores superiores aos do seu clube, *team* mais forte do que aquele que defende a sua bandeira. Como medida de precaução os torcedores do mesmo clube assistem as provas reunidos em grupos numerosos, trocando entre os grupos adversários olhares incendiários e apartes pouco amáveis. (Rua, 1 out. 1916).

O livro “História do Foot-ball em São Paulo” (1918) do cronista Antônio Figueiredo, um dos primeiros registros memorialistas do futebol paulista, identifica o fenômeno da rivalidade e aponta seus desdobramentos:

As **rivalidades** [...] tendiam a aumentar, e a preocupação de fortalecer as equipes [...] dominava a todos. Se os **métodos antigos**, com que se formavam as brilhantes equipes do Athletic, do Paulistano e do Mackenzie fossem seguidos, ainda vá. **Infelizmente**, esses métodos **tão salutareis e nobres, caíram em desuso**. São Paulo transformava-se, então, num vasto campo de futebol. Havia sociedades por todos os cantos [...]. **E os clubes da Liga acolheram no seu seio rapazes da várzea**. Fizeram bem? Acharmos muito **justo que os operários e os humildes participem das refregas, mas os operários e os humildes que compreendem os seus deveres de sportmen**. Esse, entretanto, não constituía o principal critério dos aliciadores improvisados. Desta forma apareceram ao Velódromo, **da noite para o dia, inúmeros sportmen de outras plagas e outros costumes [...]. Os antigos, fiéis aos velhos hábitos, receberam com hostilidade os seus companheiros**. (FIGUEIREDO, 1918, p. 131 apud NEGREIROS, 1992, p. 85, grifos nossos).

Figueiredo embora percebesse no gatilho da rivalidade um incremento da competitividade e busca por melhora nas equipes, lamentou os “métodos” para se obter este fortalecimento. O abandono dos “métodos nobres” e os “deveres de *sportmen*” pelos “operários e humildes” de outras “plagas (lugares) e costumes” se traduz numa espécie de retórica da exclusão que distingue comportamentos e posturas consideradas distintamente superiores e ininteligíveis perante a “hostilidade” dos novos *sportmen*.

No mesmo ano, uma partida entre Paulistano e Fluminense revelou a presença da rivalidade como índice da dinâmica do universo do futebol (FERNANDEZ, 2010, p. 79-80). O *match* anunciado na primeira página d’*O Estado de S. Paulo* acusa na edição do dia seguinte o equívoco da diretoria do CA Paulistano em marcar o confronto num dia de solenidade militar que mobilizou boa parte do município. Como consequência ao Paulistano, este “teve contra si quase que a totalidade da assistência que se encheu de júbilo, regosijando-se com a vitória do campeão do rio de janeiro”³.

O jornal se exime da explicação de tal “incongruência do povo paulista amante de football”. Embora a rivalidade entre Rio e São Paulo fosse um dado marcante⁴, no entanto, tratando-se dos clubes considerados arautos do amadorismo e detentores dos atributos dos *sportmen* que mantinham relação amistosa através dos seus embaixadores Coelho Neto e Mario Cardim, não há menção jocosa ou provocadora em relação ao Fluminense, apenas a lamentação pelo erro de planejamento dos realizadores paulistanos da partida.

Uma hipótese a ser considerada neste episódio é a revelação de uma reação coletiva ao poderoso Paulistano que além de vitorioso clube da Associação, detinha influência e poder na imprensa e bastidores do futebol na capital paulista.

³ O Estado de S. Paulo, 12 jun. 1918, p. 7.

⁴ “Não podemos deixar de assinalar que é velha cantilena o processo da mor parte da imprensa carioca em desculpar-se dos fracassos das turmas representativas da Capital da República, jogando toda a responsabilidade para as largas costas dos juizes quando não attribuem o insucesso ao mau estado do campo, a torcida e quejandas cousas [...]” (SANTANNA, 1925, p. 25-26 apud STREAPCO, 2010, p. 29).

Em essência, esta contradição que preenche o imaginário esportivo está atrelada a um velho conflito do futebol: amadorismo *versus* profissionalismo. A competição, inerente a qualquer destes modelos, tem aspectos distintos em cada uma destas representações. Enquanto o discurso amador enaltece o cavalheirismo, elegância e os bons costumes dos *sportmen* dos times da elite, estes concomitantemente condenam a profissionalização do esporte, alegando as mazelas das rupturas com os códigos de conduta, tendo em vista a ampliação e diversificação dos atores esportivos –m profissionais, especialistas e torcedores (TOLEDO, 2002), que aos seus olhos permitiram a desqualificação do *football*.

A entrada de outros segmentos sociais por intermédio de novos clubes de origem não aristocrática, como Corinthians e Palestra, proporcionou, segundo os grandes interlocutores desta discussão – a imprensa –, a desvirtuação do futebol: atraindo brigas e a incitação de provocações e ofensas ao redor dos campos, a usurpação do esporte em favor de interesses financeiros e toda sorte de práticas indignas como a remuneração de atletas e a participação destes em mais de um clube.

Esta incompatibilidade foi trabalhada em diferentes pontos de vista pela história e por outras áreas das ciências humanas. A despeito de outros caminhos que o futebol percorreu até chegar ao país⁵, delimito-me a trilhar a narrativa do grande incentivador do esporte em São Paulo, Charles Miller, que trazia uma alternativa de lazer às elites masculinas paulistas. Mais que isso, segundo Richard Giulianotti (2002, p. 18), “Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*”. Este

⁵ Havia um jogo de bola praticado nos pés, muito semelhante ao futebol, que vinha sendo praticado no colégio São Luís, em Itu, por eclesiásticos e os estudantes. “Várias hipóteses podem explicar a origem do mito segundo o qual Miller seria além de grande craque e divulgador pioneiro, o pai o futebol entre nós. A primeira diz respeito à inserção dos jogos entre os clubes de elite nos jornais paulistas. Obviamente enquanto foi uma atividade recreativa restrita a colégios, o futebol não mereceu qualquer atenção da imprensa [...] por fim relacionar o futebol, mesmo indiretamente, às multinacionais que, na virada do século, protagonizavam grandes transformações na economia brasileira, verdadeiros sinônimos de progresso, soava melhor que ligá-los a colégios obsoletos.” (SANTOS, 2002, p. 33).

significado primário que ao futebol é atribuído seria direcionado apenas aos círculos da alta sociedade paulistana. Os jornais, em princípio, omitiam ou desqualificavam os acontecimentos esportivos amadores, e até mesmo a LPF (Liga Paulista de Futebol), com a entrada do Corinthians, um clube de origem popular:

O futebol jogado fora do Velódromo, sem os clubes da Liga Paulista, só adquiriam o estatuto de notícia quando alguma tragédia ocorria. Outra coisa marcante nessa notícia foi o fato de o jornalista mostrar com clareza todos os preconceitos de uma parcela da elite paulistana sobre os setores populares. (NEGREIROS, 1998a, p. 59).

Uma multidão de menores lota o *ground*, cheia de curiosidade, e de remendo nas calças, e o próprio transeunte desocupado parava para gozar do espetáculo gratuito, porque nos *matches* de “futebol” na várzea do Carmo tem sempre o que ver: não raro terminar indo o “time” vencido para o hospital e o vencedor para o xadrez. (O Estado de S. Paulo, 14 ago. 1915).

Embora se diga aos quatro ventos, que o futebol vai tomando novo incremento, adquirindo a primazia dos esportes em São Paulo, para nós, afigura-se que nunca esteve tão desanimado. (O Imparcial, 15 abr. 1913).

No episódio do ingresso do Corinthians na LPF repercutido pel’*O Imparcial*, houve a primeira grande ruptura no futebol oficial, que provocou o encerramento do departamento de futebol do SPAC (São Paulo Athletic Club), pioneiro clube de futebol na cidade; a saída de alguns clubes da liga como Associação Atlética das Palmeiras, Associação Atlética Mackenzie e o Paulistano; e a subsequente criação da APSA (Associação Paulista de Sports Atlético) por este clubes oriundos das elites paulistanas⁶.

A historiografia identificou duas vertentes explicativas para o entrevero: 1) Enquanto a LPF tendia a mandar suas partidas no Parque Antártica, ao custo de 200

⁶ A criação da APSA contou com apoio da administração pública da cidade. Segundo André Ribeiro (2007, p. 41), a câmara municipal havia aprovado uma subvenção de 5 mil contos de réis a futura associação.

mil réis mensais, os clubes de elite, liderados pelo seu arauto, o Paulistano, insistiam em manter as partidas no Velódromo, campo cuja concessão pertencia ao Paulistano, ao custo de 200 mil réis por cada *match*⁷; 2) A recusa dos clubes “tradicionais” em aceitar a popularização do esporte.

Sobre a gestão financeira do Paulistano e dos demais clubes, deixemos a um momento posterior desta narrativa. O segundo argumento de viés sectário herda um rol de interpretações clássicas da história do futebol brasileiro que merecem ser apontados.

O livro *O negro no futebol brasileiro* do cronista esportivo Mário Rodrigues Filho (1947), um dos pioneiros intérpretes do futebol brasileiro, e o conjunto de ensaios *Negro, Macumba e Futebol* do antropólogo Anatol Rosenfeld (1993) seguem a perspectiva freyriana de olhar o futebol como uma genuína instituição brasileira capaz de sublimar as tensões sociais e culturais presentes em nossa sociedade⁸, e ao mesmo tempo, enfatizam a importância da ascensão do negro no futebol brasileiro como elemento determinante para a crise do modelo amador. A obra inspirou diversos autores, como Roberto Da Matta (1982), José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter (1982), e José Sérgio Leite Lopes (1994). Para o antropólogo Leite Lopes, a “crise do amadorismo” foi um efeito da ascensão de clubes de futebol que contavam com atletas negros e mulatos, tais como o Bangu Athletic Club, o Clube de Regatas Vasco da Gama e o próprio Corinthians⁹.

Da Matta e Meihy credenciam este momento de transformação da sociedade a partir do papel do futebol da várzea como um meio de ascensão social dos jogadores advindos das camadas pobres e de ascensão da própria cultura popular. Outro tema trabalhado foi o futebol praticado por operários, muitas vezes organizado pelas fábricas.

⁷ DIAFÉRIA, 1992, p. 35.

⁸ TONINI, 2011, p. 47.

⁹ Apesar do imaginário coletivo, somente na década de 1930 o Corinthians passou a ter jogadores negros, salvo exceção do mulato Tatu, que atuou na década de 1920.

De acordo com Fátima Antunes (1994), a dinâmica da popularização do futebol era mobilizada, de um lado, pelo incentivo das empresas em formar equipes de seus funcionários e competir entre outras equipes a fim de valorizar e divulgar a imagem da empresa. Atraídos pelos benefícios oferecidos pelos dirigentes e patrões, o jogador-operário, num primeiro momento atraído a praticar o esporte pelo vácuo referente às opções de lazer, passou a ser uma carreira concorrida entre os funcionários. Por outro lado, a possibilidade de se destacar no esporte e alcançar a liga “oficial” transformou o pátio das fábricas em celeiro de jogadores que passaram a abastecer o ainda restrito mercado de *pés de obra*¹⁰.

Para o historiador Plínio Negreiros (1992, p. 55), “os clubes tinham uma estrutura que possibilitava a prática de exclusão social. Nos estatutos destes, uma comissão de sindicância tinha a atribuição de analisar as propostas de pessoas que queriam se associar”¹¹. Esta questão ratifica o caráter popular atribuído a clubes como Corinthians e Palestra Itália, pois além de cobrarem valores de admissão e mensalidade dos sócios bem inferiores aos do Paulistano¹², por exemplo, exoneravam todos os encargos dos seus jogadores¹³, permitindo a incorporação de atletas oriundos dos times da várzea.

A refutação pelo ingresso destes clubes representantes de camadas populares incide numa dimensão moral e social, no entanto, não obscurece a proeminência das

¹⁰ Termo extraído do trabalho: DAMO, 2007, p. 25.

¹¹ Continua: “Uma pequena nota publicada pelo *O Estado de São Paulo* informa que o Sport Club Americano havia recusado a admissão de cinco novos sócios por não preencherem as formalidades dos estatutos e que duas outras propostas foram remetidas para a comissão de sindicância. Nessa comissão, a questão do ‘nível social’ do pretendente a sócio tinha um peso importante. Esse elitismo também pode ser verificado por meio dos treinos realizados pelos clubes, que tinham lugar em dias úteis, do meio para o final da tarde. Assim, os jogadores que precisassem trabalhar durante todo o dia, não poderiam estar presentes.” (NEGREIROS, 1992, p. 55). Fábio Franzini (2003, p. 38) reitera esta ideia: “Era impossível para elite impedir a vulgarização da paixão futebolística, fazia-se necessário ao menos selecionar os players com quem disputariam os ‘matches’ evitando o tão indesejável contato com pessoas estranhas ao seu meio... a partir da década de 1910, dirigentes paulistas e cariocas adotaram inúmeras medidas com vistas a controlar ou mesmo impedir o acesso de jogadores e equipes de origem popular as divisões principais do futebol oficial, que reuniam um seletivo grupo formado pelos clubes mais tradicionais.”.

¹² STREAPCO, 2010, p. 184.

¹³ SALUN, 2007, p. 43.

equipes de uma geração posterior aos times “aristocráticos”. Entre 1913 e 1919 ascenderam à divisão principal da Liga doze equipes, dentre elas, Corinthians e Palestra Itália – na divisão intermediária foram dezenove¹⁴ –, fenômeno inexistente no mesmo período no Rio de Janeiro. Vale ressaltar que o caso carioca possui regras e circunstâncias próprias. Empresto de Plínio Negreiros um trecho do estatuto da Liga Metropolitana (entidade do futebol oficial carioca) destacado em sua dissertação *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista (1910-1916)* publicado no jornal monarquista¹⁵ o Comércio de São Paulo, que elucida com rara precisão o viés discriminatório das elites dirigentes do futebol:

art. 31 — **A Liga não reconhece a qualidade de amadores:**

[...] b) Aos que tirarem os seus meios de sobrevivência de qualquer profissão braçal, considerando em tais todos aqueles em que o indivíduo depende inteiramente dos seus recursos físicos, e não dos recursos da sua inteligência: marinheiros, catraeiros, barqueiros, canoeiros, pescadores [...] e, bem assim, todas aquelas que exercem ofício, profissão ou emprego remunerado, manual ou braçal, seja por conta própria, seja ao serviço de terceiros, seja ao serviço de arsenais, estaleiros [...]

c) Aos criados de servir, aos empregados (denominados caixeiros) de armazéns de secos e molhados, vendas ou mercearias, sorveterias, bares, cafês, botequins, restaurantes [...]

d) Aquele cuja profissão lhes permitia o recebimento de gorjeta;
[...]

1) Aos que exercerem qualquer posição, profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nível moral e social criado pelo esporte no amadorismo. (O Comércio de São Paulo, 30 abr. 1916).

¹⁴ Ibid., p. 57.

¹⁵ PILAGALLO, 2009, p. 52.

O crescimento dos clubes de porte menor se remete a uma relativa prosperidade financeira que se contrapõe à realidade dos clubes de elite, especialmente o Paulistano. Enquanto em apenas três anos de existência, o Corinthians chegou ao saldo de 451 mil réis no mês de junho¹⁶, em 1910 o Paulistano já caminhava rumo a uma grave crise financeira, reduzindo seus fundos a 927\$400, pouco mais de 10% que havia em 1905. Este contexto fica mais evidente se considerarmos a crise aguda¹⁷ que atingiu o Paulistano, em 1915, quando o clube, em dois anos, passou de 300 a apenas 15 associados¹⁸ – a efeito de comparação, em 1914 e 1917, o Palestra Itália, possuía 45 e 75 sócios, respectivamente; já o Corinthians, em 1916, possuía 50 associados¹⁹.

A partir desta depressão que atravessou o Paulistano se inicia uma etapa de abrandamento da radicalização política entre as entidades gestoras do futebol oficial. Alfredo Salun sugere o início de um período de “negociações” do futebol paulistano. A primeira cisão deflagrada em 1913 em torno da escolha do local dos jogos partiu de um pressuposto ambíguo presente nos estatutos da LPF:

É velha praxe em São Paulo – desde que se joga foot-ball – cada club ter o direito de escolher o campo, quando deve disputar um match; o próprio artigo 18 dos estatutos da Liga diz que haverá um campo pertencente à Liga e no qual serão disputados os matches, desde que não haja combinação mutual. (Carta enviada por Adolpho Melchert Netto, dirigente do Paulistano. Correio Paulistano, 15 abr. 1913).

Naquele momento, a interpretação do acordo demonstrado no Correio Paulistano impeliu a supremacia do Paulistano diante da querela que o afastou da competição com um clube popular, no caso, o Corinthians. Em 1918, adotando um discurso nitidamente

¹⁶ DIAFÉRIA, 1992, p. 130. O saldo positivo se explica pelo baixo custo relativo do aluguel do Parque Antártica e às respectivas receitas geradas.

¹⁷ Embora algumas referências indiquem o crescimento linear do Corinthians, Plínio Negreiros (1992, p. 79) afirma que em 1915 houve um forte abalo financeiro no clube que apresentava déficit de 552\$800.

¹⁸ SALUN, 2007, p. 53.

¹⁹ Ibid., p. 76.

diverso ao seu retrospecto, o Paulistano publica um folheto que ressignifica o papel do clube e do povo neste universo esportivo:

Podemos nos gabar sem receio algum, de termos concorrido, para o desenvolvimento do futebol em São Paulo [...] foi o Paulistano que popularizou o futebol, popularizou é bem o termo, porque antes dele nenhum clube resolverá fazer propaganda [...] hoje, se reconhece o papel do povo no desenvolvimento do esporte: é o elemento indispensável para a prosperidade do clube. (SALUN, 2007, p. 56).

Segundo Salun, a entrada dos clubes populares nas ligas pode se traduzir numa conciliação de diversos interesses – ideia que reitera algumas características já apontadas neste período estudado: a centralização política hierarquizada e o embate contínuo alternando rupturas e barganhas.

Uma das figuras importantes do cenário futebolista paulistano é o jornalista Mario Cardim. Além de chefiar a editoria de esportes do jornal Estado de S. Paulo, Cardim transitava nos círculos políticos esportivos da cidade, participando de momentos importantes da trajetória do futebol na cidade: tanto como noticiador de amistosos internacionais, montagem de selecionados e reformas estatutárias, bem como mediador de debates e negociações nos bastidores do futebol. Mais que um simpatizante do CA Paulistano, Cardim era membro da diretoria e amigo de Antônio Prado Jr., presidente do clube e grande incentivador do esporte²⁰. Além disso, o cronista era a figura mais influente na Liga Paulista de Futebol – que, inclusive, também era chamada de Liga Cardim²¹.

Mesmo após seu afastamento da chefia da redação em 1909, Mario Cardim continuou exercendo grande força no jornal, publicando textos e frequentando rodas de

²⁰ Antônio Prado Jr era filho de Dona Veridiana, figura conhecida da aristocracia paulistana. Tal como a elite paulistana entusiasmada pela proeminência cultural europeia dos tempos da *Belle Époque*, Antônio Prado suscita o desejo de desenvolver o ciclismo, esporte francês de referência no período, e assim, Dona Veridiana concede um terreno de sua chácara para a construção do Velódromo.

²¹ RIBEIRO, 2007, p. 41-43.

colegas jornalistas. É preciso um estudo minucioso acerca deste intrigante personagem do futebol brasileiro, mas não é leviano dizer que a sincronia entre os discursos do O Estado de S. Paulo, Club Atlético Paulistano e a LPF de alguma forma estava atrelada à participação de Cardim.

Nesta trajetória de idas e vindas da disputa em torno da organização do futebol oficial, a relutante e parcial aceitação do ingresso dos times populares exibiu um aspecto de readequação e aproximação das falas: a popularização do esporte, embora mediada por critérios variados, era promovida pelos interlocutores das entidades futebolísticas, os jornais. Nicolau Sevcenko atentou sobre este ponto:

Alguns jornais de grande circulação, como *O Estado de S. Paulo* e *La Fanfulla*, da comunidade italiana, assumiam a organização de provas atléticas de grande amplitude e importância decisiva na consolidação de uma mentalidade e identidade desportiva paulista, prontamente imitadas em cadeia por outras cidades do interior do estado. (SEVCENKO, 1992, p. 53-54).

A ascendência de homens da imprensa como Mario Cardim, Antônio Figueiredo, Leopoldo Sant'ana e Macedo Soares no futebol é profunda. Macedo Soares, por exemplo, proprietário do jornal *O Imparcial*, era deputado federal e tornara-se presidente da CBD, entidade máxima do futebol no país.

Em *Problemas e aspectos do nosso futebol* (1939), do jornalista Thomaz Mazzoni, o autor suscitava uma dicotomia entre a prática profissional e a modalidade amadora que cumpriria o papel de preparar os atletas para as competições oficiais²². Esta interpretação de Mazzoni que tarda algumas décadas do epicentro da tormenta que incide no futebol paulista provém de um diagnóstico das condições socioeconômicas dos jogadores de futebol daquele período.

²² MAZZONI, 1939, p. 177-178.

A condenação ao exercício remunerado do esporte – por salários em empregos de fachada ou bichos (prêmios) – contrapunha-se aos princípios morais que o esporte bretão continha. Esta disposição alinhava os clubes de elite, defensores do amadorismo, em lado oposto aos clubes populares, acusados de aliciar atletas através de recompensas materiais e financeiras. Entretanto, Negreiros (1998) e Streapco (2010) relatam que este expediente é recorrente, mesmo nos clubes tido como amadores, como o Paulistano e o Americano²³, estabelecendo a ideia da existência do “amadorismo marrom”.

Ao nos debruçar no campo desta disputa política que é apontada pela historiografia como o terreno da “crise do amadorismo”, é preciso insistir no esforço de desvincular esse precedente. A luta que grupos sociais e políticos travam em torno do fortalecimento ou destituição de uma ideia é um retrato que o historiador deve ser cauteloso ao reconstituir. Em tempos de crise, a “luta semântica”²⁴ travada pelos agentes pauta-se em argumentos que tem uma lógica interna ao seu enfrentamento. O profissionalismo, neste caso, torna-se um índice de valor depreciativo na retórica apresentada por um “amador”, embora os interesses daqueles não estejam inteiramente em conflito.

De outro lado, se estabelece uma imagem antagônica dos demais clubes perante os defensores do amadorismo. Uma imagem capaz de mitificar suas vocações populares e gerar uma resistência à totalidade de significados associados ao elitismo e amadorismo. Entretanto, Corinthians e Palestra Itália demonstram desde sua origem uma preocupação em se perfilarem ao cenário do futebol. Segundo o primeiro estatuto corinthiano, poderiam se associar “indivíduos de bons costumes, não se observando nacionalidade, religião ou política”²⁵; na ata de criação palestrina, permite-se associar ao clube cidadãos de qualquer nacionalidade desde que a moral não fosse agredida:

²³ RIBEIRO, 2007, p. 34.

²⁴ KOSELLECK, 1993, p. 111-112.

²⁵ DIAFÉRIA, 1992, p. 44.

Art. 5º – Possuono far parte della Società, cittadini di qualsiasi nazionalità, residenti in S. Paulo o no, purché non all'estero, che abbiano compiuto il 16 anno d'età, che accettino il presente Statuto e la cui moralità sia tale da non danneggiare moralmente la Società. (SALUN, 2007, p. 42).

Um trecho de carácter editorial d'*O Estado de S. Paulo* situa a relativização do feixe amador-profissional cuja jurisprudência federativa se mistura à clubística:

A condição social dos indivíduos nada tem que ver com o amadorismo; e sua moralidade é objecto exclusivo dos regulamentos internos dos clubes e os exercícios físicos que os indivíduos praticam na sua profissão só os inibe de serem amadores quando tais exercícios constituem a prática de um “sport” no sentido técnico da palavra, isto é, um ramo distinto e methodizado em leis de cultura física. (O Estado de S. Paulo, 5 jun. 1917, p.4).

Esta distinção assinalada pelo diário atribui uma questão técnica²⁶ à categoria amador. Entretanto, na prática, alinhado a uma espécie de tradição político-jurídica brasileira, o legal e o extralegal coexistem garantindo interesses pontuais – sobretudo dos clubes – inseridos na lógica do futebol; tanto que Corinthians e Palestra usufruem de critérios próprios ao seleccionar o carácter de suas associações.

Atendendo a realidade demográfica da cidade de imigrantes, ambos abdicam dos critérios de nacionalidade, ao mesmo tempo em que se mostram preocupados em zelar “bons costumes” e a “moral”, diferenciando-se apenas na clareza dos requisitos políticos. Num outro trecho do ata da assembleia geral de 27 de julho de 1916, descreve-se entre os fins do clube “desenvolver intelectualmente seus sócios para que organizará de conformidade com seus recursos um gabinete de leitura”²⁷.

Podemos inferir desta aparente adequação uma tentativa de credenciá-los às premissas dos *sportmen*, sujeitos dotados de retidão e cultura, ao mesmo tempo em que

²⁶ O tecnicismo é um aspecto relevante nas decisões administrativas da cidade de São Paulo que serão retomadas nos capítulos seguintes.

²⁷ DIAFÉRIA, 1992, p. 47.

gozem da oferta de jogadores, sem distinção de origem. Tal preocupação atingiu o Corinthians ao ponto de deflagrar uma crise financeira em 1915. Com a divisão política do futebol protagonizada pela LPF e a APEA, o Corinthians se desliga da Liga e tenta associar à elitizada APEA, em 1915.

Ainda que seu pedido tenha sido deferido, a Associação não permitiu o ingresso do clube no campeonato daquele ano e impediu a participação dos atletas corinthianos inscritos na APEA no campeonato da Liga. Este quadro provocou uma brusca queda de receita, restando apenas os dividendos de partidas amistosas no interior. Negreiros resgata depoimentos de associados que criticaram duramente os excessos de gastos com passagens e a própria mudança da sede do clube para um “ponto mais aristocrático, mais luxuoso só pra encrencar o clube com dívidas”²⁸. Com a volta do Corinthians à LPF em 1916 e o empréstimo de 400 mil réis do novo presidente João Baptista Maurício, o clube recupera a estabilidade econômica e política.

Embora tidos como populares, os balancetes financeiros, exceção feita aos episódios citados, geralmente pouco se diferenciavam dos clubes de elite, além de poder contar com o apoio de figuras importantes de setores produtivos paulistanos, como as famílias Piza e Schurig no Corinthians²⁹ – responsáveis diretos pela construção do Parque São Jorge –, e a família Matarazzo³⁰, especialmente Eduardo, que foi presidente do clube em 1928 e intermediário da compra de 60m² do terreno do Parque Antártica que correspondia à parcela da dívida a quitar com a Companhia Antártica.

Sem dúvida, esta é uma questão marcada por muitas contradições que esta pesquisa pretende percorrer e elucidar. A dicotomia amadorismo *versus* profissionalismo deve ser tratada para além de modelos da prática esportiva. Em

²⁸ NEGREIROS, 1992, p. 93-94.

²⁹ No caso corinthiano, destaca-se a participação dos vereadores Oscar Porto e Alcântara Machado na aquisição do terreno que abrigou seu primeiro estádio, a Ponte Grande. NEGREIROS, 1992, p. 78.

³⁰ O destaque da família Matarazzo como poderoso membro da elite econômica da cidade pode ser reconhecido já em 1923 com a nomeação do Conde Francesco para uma das praças da avenida São João, região central da capital. Resolução n. 302, 31 dez. 1923.

diversos momentos os discursos se confundem ao expediente empregado pelos clubes, revelando uma apropriação destas ideias através de recursos retóricos que servem a interesses políticos e econômicos das entidades.

Ora ameaçados pela competitividade de clubes emergentes, como o Corinthians, ora desfocados pela prosperidade do Palestra Itália, clubes de elite, como o Paulistano, mobilizaram esforços em impedir a inclusão destes times, se afastavam das competições ou renegociavam, de acordo com a conjuntura mais ou menos favorável. Trata-se, portanto, de um período de grandes fluxos e influxos a caminho da profissionalização, de pouco consenso, e negociação sofríveis.

Capítulo 1

Tira Teima: Métodos e Fontes

A partir dos anos 1980, a historiografia incluiu as análises da memória social como um elemento basilar na composição do conhecimento histórico, muitas vezes se confundindo com o próprio documento. Peter Burke (2000) entende que, para o historiador, a memória deve ser tratada tanto como fonte histórica quanto fenômeno histórico.

Este pressuposto é sustentáculo para as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa. As identidades e a rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália tem residência estabelecida na memória coletiva paulista, senão brasileira. O time do povo e o time da colônia, arquirrivals, são imagens que estão dadas e atingem certo grau de naturalização.

Enquanto informação histórica, documento propriamente dito, estas imagens nos revelam uma importante historicização do esporte. Ao mesmo tempo, levando em conta os processos que os constituem, é possível compreender uma série de fenômenos que entrelaçam diversos atores diversos à dimensão esportiva.

De certa forma, atividades como as escolhas, esquecimentos e classificações que o historiador emprega em suas fontes e em sua narrativa também recaem sobre os próprios documentos que o pesquisador lida. A memória, enquanto documento, também se constitui através destes processos e, portanto, cabe ao historiador investigar os agentes, as dinâmicas sociais e espírito do tempo que a construíram. No limite, como

afirmou Jacques Le Goff (1982, p. 25) “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”.

Neste sentido, o emprego da imprensa como fonte primária destaca um retrato parcial do cenário social e esportivo da capital paulista deste passado de quase cem anos de distância.

É mediante a exploração dos meios de comunicação que fica enfatizado o que é certo e o que é errado, o que é verdade e o que é mentira, e naturalmente, por onde se conduz a opinião pública. Notadamente, quando se trata da “versão oficial dos fatos”, o papel da notícia como divulgação é secundário, importando, em primeiro lugar, a interpretação que se lhe dá (CORREA, 1998, p. 56).

Portanto, “na construção do fato jornalístico (notícia) interferem não, apenas, elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado”, afirma Capelato (1986, p. 68). A seleção dessas notícias, ou seja, dizer ou omitir, e toda atribuição de valor ou juízo a respeito de um determinado assunto são norteados pela subjetividade do repórter e pelo direcionamento comercial do produto-notícia e, obviamente, pelo projeto político-ideológico de cada veículo³¹.

* * *

O recorte adotado na pesquisa é deslocado quase dez anos antes da finalização do estádio do Corinthians, em 1928. Em 1917, a LPF (Liga Paulista de Futebol) se funde a APSA instituindo um marco na formalização do futebol. Embora a organização do futebol oficial em São Paulo se mantivesse em litígio até fins da década de 1930,

³¹ CAPELATO, 1986, p. 50.

Corinthians e Palestra ascendem ao lado do Paulistano como forças permanentes no campo, até mesmo em seu entorno.

Esta escolha também se justifica por uma convergência de práticas e eventos envolvendo tanto o alvinegro quanto o alviverde. A primeira partida disputada entre Corinthians e Palestra foi realizada no campo do Parque Antarctica, no dia seis de maio de 1917. A sequência de vinte e cinco partidas do campeão invicto no ano anterior, o Corinthians, interrompida pelo Palestra Itália por três tentos a zero chamou a atenção de diversos veículos de imprensa. O *Jornal do Comércio* (JC) aguçou o peso da derrota corinthiana:

O dia negro da derrota chegou para o glorioso conjunto alvi-negro [...] Houve mesmo a época em que o Corinthians devia ser considerado o melhor conjunto do Brasil [...] O Palestra, novel sociedade que de ano em ano progride a ascensão na colocação do campeonato, tinha, parece, certa rivalidade com relação ao glorioso campeão. Não essa rivalidade infantil e ameaçadora de “tu me pagas” mas o desejo de, com nobreza, derrotar o invencível. (*Jornal do Comércio*, 7 maio 1917, p.7).

Notadamente irmanado aos editoriais dos grandes veículos da cidade, o carioca *Jornal do Comércio* reproduziu a leitura dos grandes jornais paulistas *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e *Gazeta* que desempenharam papel crucial na construção da mentalidade e identidade esportiva paulista através da mobilização física da população³². No segundo confronto, em seis de agosto de 1917, em que o Palestra sagrou-se novamente vitorioso, o *Jornal do Comércio* (7 ago. 1917, p. 6-7) destacou a “avultadíssima multidão” que assistiu o “match entre as turmas das mais lisogeiras da Associação”.

O corpus documental escolhido é constituído fundamentalmente pelos diários impressos do período investigado (1917-1933). O recorte adotado é orientado pelas datas das partidas entre Corinthians e Palestra Itália, analisando as edições de véspera, do dia do evento e do dia seguinte ao jogo.

³² SEVCENKO, 1992, p. 53-54.

Tabela 1 – Edições Consultadas

Jornal	Número de edições analisadas
Correio Paulistano	114
O Estado de S. Paulo	114
Folha da Noite	78
Gazeta	36
Total	342

Note que há uma grande disparidade entre o número de edições analisadas de cada jornal. É preciso olhar a cada caso: *A Folha da Noite* passou a circular apenas em 1921, portanto, a amostragem está completa. A *Gazeta* foi mapeada até os dois anos seguintes de sua compra pelo empreendedor Cásper Líbero, em 1918.

Vale também ressaltar que este número é subestimado, ou melhor dizendo, descarta a consulta complementar de inúmeras edições examinadas com critérios diversos, tais como inaugurações dos estádios e sedes; rachas, criações e fechamento das ligas oficiais; e toda sorte de intervenções públicas à paisagem urbana paulistana relacionada às praças esportivas, campos de futebol não oficiais e aos próprios clubes.

As demais publicações acessadas, como o *Jornal do Comércio*, foram destacadas em datas chaves na periodização utilizada. A perspectiva da imprensa carioca é alçada diante de questões mais amplas relativas à organização do futebol no período, levando em conta as disputas políticas inter e intrainstitucionais que polarizavam os estados, federações e clubes, quase invariavelmente atribuídas na esfera pública e oficial à crise do amadorismo.

Tabela 2 – Cronologia das Competições (1901-1936)

Breve cronologia das entidades	
Liga Paulista de Futebol	1901 – 1917
Fundação do Sport Club Corinthians Paulista	1910
Criação da Associação Paulista de Esportes Atléticos	1913 – 1936
Fundação do Palestra Itália	1914 – 1942
Fundação da Confederação Brasileira de Desportos	1919 – 1979
Criação da Liga dos Amadores de Futebol	1926 – 1929
Liga de Futebol Paulista	1935 – 1937
Liga de Futebol do Estado de São Paulo	1938 – 1940
Fundação da Federação Paulista de Futebol	1941

Coexistência entre as ligas	
<i>LPF e APEA</i>	1913 – 1917
<i>APEA e LAF</i>	1926 – 1929
<i>APEA e LFP</i>	1935 – 1936

 Corresponde ao período posterior ao recorte da pesquisa.
N Entidades em funcionamento

Observando a Tabela 3 verifica-se certo “oportunismo”, para usar a expressão futebolística, ao utilizar o ano de 1917 como baliza cronológica desta pesquisa. É o início da era do trio de ferro (Paulistano, Corinthians e Palestra) que disputam apenas a liga da Associação e prescrevem a hegemonia do futebol na cidade:

Tabela 3 – Performance do trio de ferro (1917-1925)

Ano	Campeão	Vice Campeão	Artilheiro (Clube)
1917	Paulistano	Palestra Itália	Friedenreich (Ypiranga)
1918	Paulistano	Corinthians	Friedenreich (Paulistano)
1919	Paulistano	Palestra Itália	Friedenreich (Ypiranga)
1920	Palestra Itália	Paulistano	Neco (Corinthians)
1921	Paulistano	Palestra Itália	Friedenreich (Paulistano)
1922	Corinthians	Palestra Itália	Gambarotta (Corinthians)
1923	Corinthians	Palestra Itália	Feitiço (AA São Bento)
1924	Corinthians	Paulistano	Feitiço (AA São Bento)
1925	AA São Bento	Corinthians	Feitiço (AA São Bento)

Obs.: Lista completa dos campeões entre 1917-1933 na **Tabela 4**.

O período subsequente indica certa inércia destas forças, contudo, em bases distintas. Com o novo racha da APSA, as agremiações disputam competições diferentes; e o que se vê é o esvaziamento da nova Liga dos Amadores e o falecimento de diversos clubes associados à elite paulistana. Em suma, a nova liga fracassou e reiterou a força de uma articulação política ascendente, que envolve agremiações de fora da cidade,

como o Santos e o Guarani de Campinas; clubes em crescimento (Portuguesa e Juventus) e remanescentes das “alianças amadoras” (América, Internacional, Germânia, Ypiranga) que resistiram por algum tempo neste período de formatação do futebol profissional.

Dentre os aspectos que endossam o cenário litigioso dos bastidores do futebol, a rivalidade entre os clubes de Parque São Jorge e Parque Antártica manifestada no campo esportivo repercute em seu entorno; entretanto, a mobilização de ambos os clubes rumo à profissionalização, a partir da consolidação de suas forças e das condições materiais impostas ao exercício do esporte, constituiu uma plataforma que viabiliza e reitera a polarização que ambos clubes deflagram.

Tabela 4 – Lista de Campeões

ANO	LPF	APEA	LAF
1902	SPAC		
1903	SPAC		
1904	SPAC		
1905	Paulistano		
1906	Germânia		
1907	Internacional		
1908	Paulistano		
1909	Palmeiras ³³		
1910	Palmeiras		
1911	SPAC		
1912	Americano		
1913	Americano	Paulistano	
1914	Corinthians	São Bento	
1915	Germânia	Palmeiras	
1916	Corinthians	Paulistano	
1917		Paulistano	
1918		Paulistano	
1919		Paulistano	
1920		Palestra Itália	
1921		Paulistano	
1922		Corinthians	
1923		Corinthians	
1924		Corinthians	
1925		São Bento	
1926		Palestra Itália	Paulistano
1927		Palestra Itália	Paulistano
1928		Corinthians	Internacional
1929		Corinthians	Paulistano
1930		Corinthians	
1931		São Paulo da Floresta ³⁴	
1932		Palestra Itália	
1933		Palestra Itália	

³³ Não confundir Associação Atlética das Palmeiras com Sociedade Esportiva Palmeiras (Palestra Itália).

³⁴ São Paulo da Floresta foi o primeiro nome dado ao atual São Paulo Futebol Clube. Fundado em 1930 pela fusão das bases do CA Paulistano e a AA das Palmeiras, herdou o nome provisório até 1935, ano de sua refundação após período de inatividade, devido ao campo do AA das Palmeiras, conhecido como Chácara da Floresta.

Capítulo 2

2.1. Viradas de Jogo: A Modernidade Paulistana e o Futebol

A capital paulistana emerge como símbolo metropolitano do progresso que entusiasma e disfarça os discrepantes cenários sociais. A modernidade “tardia” atravessa uma sociedade tradicional agitada por transformações de diversas naturezas: a noção de **tempo** e **espaço** é alterada pela proliferação de novos meios de transporte, novas vias, o uso do relógio de pulso, a multiplicação e o aumento da tiragem dos diários impressos e o início da era do rádio; as **identidades** coletivas se reinventam tal como um palimpsesto cujos vestígios são sobrescritos de acordo com o lugar que os grupos ocupam; mais que a pluralidade social, étnica e nacional, a coexistência de práticas atribuídas a **temporalidades** distintas, num choque entre o antigo e o novo, torna a realidade social e política palco de conflitos intermitentes.

Em outros termos, este período ascende novas dimensões da sociedade industrial, genericamente descrita por uma série de características³⁵: crescimento demográfico; urbanização; industrialização; desenvolvimento do transporte, meios de comunicação e tecnológico; aumento da mobilidade social; burocratização; produção em massa e massificação da sociedade; expansão da mobilidade psíquica (o homem moderno submetido a uma oferta mais ampla de informações, seja pela imprensa ou pela instituição do turismo, experimenta outras temporalidades, costumes e culturas); e ainda, a aceleração e institucionalização de transformações sociais (como a ritualização das manifestações coletivas, notória nos estudos acerca do futebol).

A sociedade tradicional é definida por Anthony Giddens pela valorização do passado, atribuindo à tradição uma função de manipular o tempo e o espaço, deslocando

³⁵FERRANDO; OTERO, 1998, p. 16-18.

qualquer experiência ou fenômeno na ordem passado, presente e futuro que é estruturada e justificada por práticas sociais recorrentes. Para o autor em contrapartida, na modernidade estas práticas são “constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter”³⁶.

É dada uma dimensão de descontinuidade na visão de mundo do homem moderno, especialmente aquele alcunhado “modernista”. Evidencia-se não apenas a ruptura da noção do tempo, estabelecendo outros ritmos e ciclos, mas a autorreferência e recursão que se tornaram paradigma da linguagem; o subjetivismo e o decorrente relativismo; e ainda, a estatística e estocástica³⁷.

Na torrencial tempestade moderna emanam manifestações de resistência ao seu significado civilizatório. Na concepção de Löwy e Sayre, o termo romantismo refere-se a uma visão de mundo da qual assume papel de crítica moderna à modernidade que é responsável pelo desencantamento, quantificação e mercantilização do mundo; pela abstração racionalista e pela dissolução dos vínculos sociais³⁸.

Em suma, o polissêmico termo modernidade pode sumariamente ser descrito em três grandes significados que se destacam no pensamento contemporâneo, afirma Ben Singer:

[1] Como um conceito moral e político, a modernidade sugere o “desamparo ideológico” de um mundo pós-sagrado e pós-feudal no qual todas as normas e valores estão sujeitos ao questionamento.

[2] Como um conceito cognitivo, a modernidade aponta para o surgimento da racionalidade instrumental como a moldura intelectual por meio do qual o mundo é percebido e construído.

[3] Como um conceito socioeconômico, a modernidade designa uma grande quantidade de mudanças tecnológicas e sociais que tomaram forma nos

³⁶ GIDDENS, 1990, p. 37-38.

³⁷ EVERDELL, 2000, p. 402.

³⁸ LOWY; SAYRE 1995, p. 51-70.

últimos dois séculos e alcançaram um volume crítico perto do fim do século XIX. (SINGER, 2010, p. 115).

A moderna Pauliceia Desvairada bombardeia o indivíduo com uma nova intensidade de estimulação sensorial³⁹. A metrópole acelerada, fracionada, burocrática e fatigante atribui ao sujeito uma perspectiva melancólica que move o homem rumo às novas formas de coletividade e catarse.

Este breve enquadramento teórico sustenta uma premissa importante deste trabalho: a refutação da ideia de futebol moderno ou da modernização do futebol. Atribuir ao futebol esta classificação nos remete a dois problemas amarrados entre si: a redundância terminológica e a inconsistência conceitual.

O jogo de bola com os pés, modalidade lúdica praticada de formas variadas em diversas épocas e lugares e transformada em esporte na Grã-Bretanha, se consagrou como prática social na era moderna, no seio da sociedade industrial. Esta afirmação nos concede um conceito claro: o futebol é moderno. A introdução do esporte ao Brasil e seu desenvolvimento conflituoso entre o amadorismo e o profissionalismo permitem tais equívocos, sobretudo na expressão “modernização do futebol”, recorrente no senso comum. Desde os primórdios da prática do esporte na capital paulista, a despeito da posição relutante das elites do futebol acerca do seu uso mercadológico, a modalidade estava articulada a uma relação econômica promovida, inclusive, pelos mesmos “paladinos” da pureza do jogo. O Velódromo, criado como espaço para prática do ciclismo, tornou-se palco principal do futebol na cidade até a crise de 1915, cobrando aluguel mensal de 250\$000 aos sócios do CA Paulistano⁴⁰ e 200\$000 para cada partida da Liga. Assim como outras instituições modernas brasileiras, o futebol apresenta uma série de aspectos contraditórios que ilustram bem os conflitos próprios do seu tempo.

³⁹ SINGER, 2010, p. 116.

⁴⁰ REALI, 1982, p. 179 apud STREAPCO, 2010, p. 12.

A simetria futebol e sociedade se esmiuçada em episódios específicos é capaz de revelar suas diferenças, no entanto, numa fotografia mais ampla destas primeiras décadas do século XX é possível perceber o ritmo sincrônico, como a fragmentação política da república velha e a dissensão entre as entidades futebolísticas, ora dentro da federação ora entre as federações estaduais.

O futebol é um fenômeno em que se pode observar diversas características da modernidade. Como conceito moral e político, é capaz de romper com estruturas sociais, permitindo mobilidade social, transformando segmentos da sociedade e articulando individualidades a identidades coletivas. Como conceito cognitivo produz um vasto repertório de saberes do corpo que agridem certos padrões de gestos e comportamentos das classes dominantes. Como conceito socioeconômico ele se massifica, repete as hierarquias do mundo trabalho e se burocratiza em normas de participação, seja do jogar, torcer ou comandar.

O futebol em São Paulo é arrebatado por uma modernidade contraditória e indigesta, onde as práticas tradicionais coexistem às modernas. No esporte, a mistura de temporalidades se evidencia no conflito entre amadorismo e profissionalismo. Esta noção se fortalece quando observamos o chamado “futebol romântico”. O romantismo no futebol é, portanto, a crítica moderna à modernidade, no caso, ao futebol profissional. O “romântico”, então, pertence ao universo do futebol que é moderno, e ele ao mesmo tempo roga pela retomada de uma prática de futebol alheia à sua origem. A dialogia do futebol revela temporalidades e identidades simbióticas, um “paradoxo que não é mais o ser Ou não ser, e sim o ser E não ser”⁴¹.

A modernidade como conceito político permite uma transformação que apenas se manifesta com a República. Para Sevckenko (1992, p. 34), “o equilíbrio político dominante era conservador, com limitada flexibilidade e mesmo tolerância, para se

⁴¹ RIBEIRO, 2000, p. 33 apud MURAD, 2007, p. 13.

revestir do novo prestígio das tinturas modernas”. No entanto, em outra obra o autor descreve que:

No decorrer deste processo de mudança política, os cargos rendosos e decisórios – antigos e novos – passaram rapidamente para as mãos desses grupos de recém-chegados à distinção social [...] o revezamento das elites foi acompanhado pela elevação do modelo burguês argentário como padrão vigente do prestígio social. (SEVCENKO, 1998, p. 38).

Decorre neste ambiente uma transfusão de força política de instituições públicas para entidades privadas. Este diagnóstico pode ser preliminarmente reiterado com o exemplo já citado do jornalista Macedo Soares, deputado federal, presidente da CBD e dono do diário O Imparcial. O poder político se pulverizava e circulava entre as câmaras legislativas, as redações dos jornais e os bastidores do futebol.

Ao mesmo tempo, a ascensão burguesa durante a nova república promovia o “anuviamento dos padrões de distinção social, que torna diluídas ou turvas as diferentes posições que cada qual ocupa na hierarquia da sociedade”⁴².

Este duplo fenômeno construído na nova ordem política e social da modernidade paulistana é facilmente identificado no conflito mais latente do universo futebolístico: a crise do amadorismo – com a ascensão de atletas oriundos das classes populares e a ascensão de clubes criados pela burguesia, sobretudo imigrante.

O antropólogo João Pacheco de Oliveira observou que

[...] as afinidades culturais ou linguísticas, bem como os vínculos afetivos e históricos porventura existentes entre os membros dessa unidade político-administrativa (arbitrária e circunstancial), serão retrabalhados pelos próprios sujeitos em um contexto histórico determinado e contrastados com características atribuídas aos membros de outras unidades, deflagrando um

⁴² SEVCENKO, 2003b, p. 56.

processo de reorganização sociocultural de amplas proporções. (OLIVEIRA, 1998, p 56).

Um aspecto fundamental é a insurgência das associações civis, que incidem numa transformação da cultura política paulistana. Para Peter Burke (2002, p.2): “Essas instituições, a meio caminho entre o mundo privado da família e o mundo público do Estado, deram uma importante contribuição ao surgimento do que algumas pessoas hoje chamam de ‘esfera pública’ e outras, de ‘sociedade civil’.”.

Os clubes, por exemplo, permitiram um tipo de convivência ainda inexistente de indivíduos de diferentes classes sociais. O modelo constitucional de associação voluntária presente nos clubes estabelece regras, eleições, prestação de contas e debate aberto. Não por acaso as primeiras experiências clubísticas mais profícuas se deram em lugares cuja cultura política democrática também se manifestava, como nos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Dois episódios no Corinthians sinalizam essa questão e se oferecem como pistas para uma nova pesquisa. O historiador Alfredo Salun relata:

O pedido de demissão de Ricardo de Oliveira (1915) e Alfredo Schurig (1933) foi situação marcante na visualização de um clube com espaço de debate interno, já que nas duas vezes foram os sócios-atletas (de origem operária) que se rebelaram contra os dirigentes provenientes de outros estratos sociais. (SALUN, 2007, p. 250)

É preciso investigar, portanto, as associações e agremiações paulistanas não apenas como uma experiência que inspirou a vida pública, mas uma experiência que instituiu um espaço público, em que ao mesmo tempo regimentava o plano político, também repercutia tensões sociais e projetava rivalidades e disputas internas do campo futebolístico ao seu entorno.

2.2. Jogo Coletivo: A formação dos espaços públicos

O deslocamento de poder do Estado para o privado é uma dimensão maciça de um fenômeno que antecede a modernidade, mas que ganha revelos com os Estados nacionais. A formação da esfera pública surgiu como uma fração social de exercício da crítica manifestado através da forma de opinião pública e mediado pela imprensa.

O termo “esfera pública” foi canonizado pelo filósofo e sociólogo Jürgen Habermas e deve ser apresentado adequadamente. Segundo o autor, esta noção se desenvolve a partir de diversas práticas sociais que convergiam no sentido de formar uma comunicação pública da sociedade civil burguesa em certos contextos nacionais como a Inglaterra, França e Alemanha⁴³.

A maturação do conceito de sua origem à Belle Époque atravessa por diferentes significados. No século XIII, esta protoesfera pública se traduz num sistema de informações reservadas a uma pequena parcela dos comerciantes, às corporações profissionais e às chancelarias urbanas e da corte⁴⁴. Esta condição contribuiu a dois efeitos: a concentração econômica e a aristocratização deste sistema de informações. A política mercantilista se empossa deste expediente, e acaba estabelecendo um primeiro dissenso entre o Estado e a burguesia neste âmbito⁴⁵.

Em contrapartida ao poder estatal, constituíram-se a sociedade civil burguesa e a necessidade de acessar os meios de circulação de informação mais intimamente ligados ao Estado. A alternativa era tornar público este rol de informações, ainda que transformando a informação em si em mercadoria. Estes embriões da sociedade civil

⁴³ LUBENOW, 2007, p. 44.

⁴⁴ HABERMAS, 2003, p. 29.

⁴⁵ Ibid., p. 33.

burguesa e da imprensa assinalados por Habermas constituem a primeira forma mais ordenada da esfera pública – que é, evidentemente, burguesa.

A esfera pública burguesa que emerge, sobretudo, com o acirramento das tensões entre a sociedade civil burguesa e os Estados Absolutistas, constitui uma múltipla pauta mediada pela imprensa, que envolve: instruções pedagógicas; ensaios de intelectuais; informações sobre o mercado e a economia; e ainda, definições de políticas institucionais e administrativas do Estado.

Interessa-nos, portanto, estes aspectos desta esfera pública mediada pela imprensa que se perpetuam até o período que esta pesquisa se debruça. Permitimo-nos elucubrar a centralidade desta condição na dinâmica política, social e econômica da capital paulista. Não é objeto de discussão desta pesquisa uma série de fenômenos sociais e políticos deflagrados nestas primeiras décadas paulistanas; entretanto, é inegável que os agentes dos inúmeros fenômenos de naturezas diversas como a greve geral de 1917, as revoluções de 1924 e 1930, os conflitos entre setores produtivos e sindicatos entre 1931 e 1934 não estivessem sendo articulados e intercedidos por meio da esfera pública.

O futebol desenvolve grande potencial pedagógico, mercadológico e festivo, ao mesmo tempo em que desperta interesse político pelo seu alcance social e desconforto aos *sportmen* mais antigos, tendo em vista sua profunda massificação. Estas características se manifestam claramente na sociedade civil paulistana e são arrebatadas na esfera pública burguesa que se constitui com novos atores sociais, políticos e econômicos que temos apontado ao longo do texto.

Nos termos habermasianos, a esfera pública burguesa emerge como um espaço de crítica e discussão dos seus próprios interesses. A noção de “público” adotada por Habermas que diz respeito a uma coletividade capaz de julgar assuntos num espaço que

mais extenso que o foro privado, cotidiano. Ao olharmos o caso brasileiro, constitui-se um universo restrito e demasiado heterogêneo da sociedade civil, como podemos inferir num trecho do Título IV, artigos 69, 70 e 71 da constituição de 1889 que postula os seguintes requisitos para a cidadania: os nascidos no Brasil; nascidos em país estrangeiro, mas que estabelecerem domicílio na República; “os estrangeiros, que achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro em seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o ânimo de conservar a nacionalidade de origem”; “os estrangeiros que possuírem bens imóveis no Brasil e forem casados com brasileiros ou tiverem filhos brasileiros contanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade”; e os estrangeiros naturalizados⁴⁶. Ademais, considerando a proibição de mendigos e analfabetos ao voto, tem-se um quadro de cidadania ainda bastante excludente⁴⁷.

Este espaço capaz de julgar e impelir efetivamente os interesses deste público, no Brasil, passa a ater-se progressivamente aos mediadores da sociedade civil burguesa e Estado: os veículos de comunicação. A proliferação de panfletos, revistas e jornais em língua italiana, por exemplo, são vetores que produzem e transportam estes interesses. Embora a taxa nacional de analfabetismo ultrapassasse 70% da população, a capital paulista, habitada por milhares de imigrantes europeus, esboçava índices melhores que permitiam uma razoável circulação dos impressos⁴⁸.

O *Fanfulla* que já havia organizado uma festa esportiva em benefício do Hospital Italiano (posteriormente chamado de Umberto Primo) é motivado pela visita do time de futebol italiano Torino à cidade, em julho de 1914, e a grande repercussão na comunidade italiana a mobilizar o nascimento de um clube que representasse a

⁴⁶ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 24 de fevereiro de 1891. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 15 ago. 2008.

⁴⁷ Em 1922, o índice de eleitores registrados chegava a apenas 3%. ROLNIK, 1997, p. 19.

⁴⁸ Em 1897, a taxa de analfabetismo era de aproximadamente 64%. Em 1922, a taxa caíra para aproximadamente 41% numa população que havia quadruplicado de tamanho em 25 anos. Ibid., p. 19.

colônia⁴⁹. Um dos grandes jornais da época que circulava em italiano, projetou o anseio da colônia italiana através de carta enviada pelo jornalista Vincenzo Ragnonetti publicada na edição de 13 de agosto de 1914:

Futebolistas italianos que jogam bem, encontram-se em São Paulo porque, de comum acordo, não reunimos os referidos senhores, e assim como temos associações do remo, filodramáticas, mundanas, patrióticas, entre outras, de estrutura italiana, poderemos também ter um clube de futebol exclusivamente italiano. (SALUN, 2007, p. 47).

No dia 26, uma reunião discutiu e aprovou a criação do Palestra Itália, tendo o próprio Ragnonetti como diretor esportivo. A etnicidade italiana forja a identidade do clube, articulando uma coletividade heterogênea que adquire um lugar de pertencimento, onde também têm a possibilidade de emitir suas demandas.

Outra manifestação da disputa de interesses protagonizada nesta “esfera pública” é o caso da aquisição do primeiro campo particular do Corinthians. Com a disposição de ter que “provar que possui um campo com as dimensões legais”⁵⁰, o Corinthians insere esta pauta no clube, presente a na Ata da Assembleia de 27 de julho de 1916⁵¹, e no processo que contou com apoio e interesse da membros da burguesia paulistana, como João Baptista Maurício, e figuras da política legislativa, como Alcântara Machado, o campo da ponte grande fora inaugurado em 17 de março de 1918, recebendo uma chamada de capa do jornal a Gazeta, e no interior da matéria, um destaque ao “placekick” do jogo de estreia pelo próprio Alcântara Machado⁵².

É notório que a imprensa ocupa papel central na mediação dos conflitos formados nesta esfera pública. Um episódio importante da história do antagonismo

⁴⁹ Fanfulla, 16 ago. 1914.

⁵⁰ Item c, Artigo 13º, Estatuto 16 jun. 1914 da Liga Paulista de Futebol.

⁵¹ DIAFÉRIA, 1992, p. 178-181.

⁵² A Gazeta, 18 mar. 1918.

entre Corinthians e Palestra Itália em torno do jogador Amílcar Barbuy. Em 1923, o Palestra Itália tentou diversas investidas para contar com o atleta, dividindo inclusive os editoriais dos jornais. Enquanto o *Fanfulla* ironizava a proibição corinthiana ao atleta, o *Correio Paulistano* criticava veementemente a postura palestrina e *O Imparcial* publicava a nota oficial do Corinthians que negava a transferência do atleta⁵³.

Vale dizer que o círculo futebolístico deste período é relativamente restrito, o que na prática produzia uma grande circulação de atletas, o que difere da memória romântica da fidelidade clubística destes tempos remotos. Amílcar se estabeleceu continuamente no Corinthians entre 1917 e 1923, após passar pelo Belo Horizonte e Botafogo (ambos da várzea) e inclusive ter disputado alguns jogos pelo Palestra em 1915, através de um acordo que o permitiu explorar a venda de bebidas no campo do Corinthians⁵⁴. O destino do jogador após o entrevero de 1923 foi o Palestra Itália, onde permaneceu até o fim da década, mas as razões ainda não estão evidentes.

Em suma, a categoria habermasiana nos engendra um olhar precioso acerca da perspectiva da racionalização instrumental presente da modernidade, como assinalou Ben Singer. Ao analisar o surgimento do fenômeno destrinchado por Habermas durante as independências das colônias espanholas, François-Xavier Guerra realizou uma releitura das categorias do filósofo alemão.

Algumas críticas (LOSEKANN, 2009) de Guerra (GUERRA; LEMPÉRIÈRE, 1998) merecem ser destacadas a esse respeito: a perspectiva teleológica de buscar raízes medievais num processo que apenas se torna evidente em meados do século XVIII; a ausência da uma noção múltipla de formas de comunicação atribuídas a temporalidades distintas, sobretudo a coexistência das formas mais arcaicas de comunicação com as

⁵³ SALUN, 2007, p.79.

⁵⁴ STREAPCO, 2010, p.80.

instituídas no estado moderno; e o economicismo que disfarça dimensões políticas e culturais deste processo.

A saída de Guerra foi o estabelecimento do termo plural “espaços públicos” que substitui o abstracionismo e a imaterialidade do seu conceito. Esta alternativa indica duas dimensões: de um lado, os espaços de circulação de ideias, como os jornais, revistas, conversas de bares, cafés etc.; e, por outro, uma dimensão mais concreta do termo, referindo-se aos próprios lugares onde se realizavam os debates, conversas e discussões, como praças, bares, clubes, parques, campos e estádios de futebol.

Entretanto, em trabalhos mais recentes, Habermas (2003b, p. 106) afirma existir três derivações de esferas parciais que garantem o acesso à esfera pública. Losekann sintetiza assim:

Ele define três tipos de esferas públicas parciais: a esfera pública episódica, a esfera pública da presença organizada e a esfera pública abstrata. As primeiras são aquelas que ocorrem em bares, cafés, nas praças, ruas, etc. As segundas são encontros organizados, ou seja, reuniões de partido, de pais, de vizinhos, de igreja, concertos de rock. O terceiro tipo de esfera pública é aquela produzida pela mídia, são leitores, espectadores, ouvintes, etc. distantes espacialmente, mas reunidos em torno de pensamentos semelhantes. Para Habermas, estes níveis diferentes de esferas públicas estão sempre influenciando uns aos outros, sobrepondo-se e conectando-se de forma que estas esferas parciais sempre causam uma expansão daquilo que é produzido na esfera pública. (LOSEKANN, 2009, p. 50-51).

Uma das críticas a essa revisão de Habermas e às perspectivas pluralistas em geral – das quais Guerra se insere – é a ideia de que, embora o espaço público para esta vertente não seja apenas configurado pela disputa discursiva e sim pelo conflito entre os detentores do controle das estruturas comunicativas, ela não é capaz de distinguir os

atores da sociedade civil de grupos de interesse que não pertencem à esfera pública, mas tiram proveito dela⁵⁵.

A alternativa mais adequada, no entanto, para entender e instrumentalizar esta categoria no período que estudamos é sugerida por Leonardo Avritzer e Sérgio Costa. Para dar conta de contextos socioculturais tão heterogêneos é preciso levar em conta da existência outros públicos, que se diluem nas esferas públicas episódicas, organizada e abstrata. Dentre eles, os “*contrapúblicos subalternos*”, “*públicos diaspóricos*” (migrantes e imigrantes) e os “*públicos participativos e deliberativos*”⁵⁶.

Nesta trincheira conceitual, vislumbramos a partir dos exemplos recém-apresentados, um quadro mais complexo e preciso dos processos de disputa nestes espaços por diferentes públicos: de públicos diaspóricos que acendem uma esfera pública episódica, organizada e abstrata, como o caso da fundação do Palestra Itália; ou mesmo de contrapúblicos e públicos participativos que adentram as esferas públicas organizadas e abstratas, tal como a aquisição da Ponte Grande pelo Corinthians.

Reiteramos a ideia da existência de um complexo de comunicação e disputa de ideias e do próprio controle desta comunicação que referimos como espaços públicos – assumindo sua polissemia e contradições. As transformações no cenário paulistano se exprimem de maneiras múltiplas, como já mencionamos diversas vezes.

Dentre as mudanças significativas que a modernidade provoca a sociedade paulistana, um aspecto fundamental reforça nossa convicção de uma ligação coletiva mais ampla no meio social. A constituição de uma nova mentalidade que produz um artifício amalgamador das diferenças sociais, econômicas, étnicas, nacionais e culturais em torno de um mundo moderno, onde todos participam, ainda que abissalmente desigual.

⁵⁵ COSTA, 2000, p. 67 apud LOSEKANN, 2009, p. 54.

⁵⁶ AVRITZER; COSTA, 2004, p. 711.

Dentre diversos aspectos, este fenômeno acompanha uma mudança de comportamento da sociedade, uma nova ordem cultural: “todos para a rua: é lá que está ação”⁵⁷. A população sai de casa em busca de divertimento por intermédio de variadas atividades: esportes, danças, bares, cinemas, viagens, corridas, apostas, piqueniques, etc. – onde se estabelecem os intermediários culturais, responsáveis pela circulação de ideias, costumes e hábitos entre a burguesia e as camadas populares⁵⁸. A mobilização física da população era frequentemente estimulada pelo Estado e suscitada pelos diários impressos com o intuito de promover à prática dos esportes, que no sentido de Elias e Dunning, constitui um processo de disciplina, controle e ordenamento social.

Foucault sentencia que:

[...] a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). [...], ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverter por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 1987, p. 127).

Este ordenamento social impelido pelas elites dirigentes, nos termos de Foucault, encontra no futebol uma realidade contraditória. Embora disponha da instituição da militarizada educação física escolar e das catárticas – comumente chamadas alienantes – manifestações do torcer, o futebol é capaz de subverter determinadas condições. Assim, tal como é para o artista que surge de um grupo de trabalhadores não qualificados, o futebolista usufrui de sua atividade não apenas como um meio de sobreviver, mas abre um clarão que o insere no mundo, perde sua

⁵⁷ SEVCENKO, 1992, p. 33.

⁵⁸ TRAVASSOS, 2000.

invisibilidade social e torna-se um potencial cidadão de sua comunidade ou de seu povo⁵⁹. Ou mesmo a torcida, capaz de se sensibilizar com uma injustiça ou se manifestar politicamente, tal como a faixa estendida pela torcida organizada Gaviões da Fiel, em 11 de fevereiro de 1979⁶⁰, ainda durante a ditadura militar brasileira, com os escritos: “anistia ampla, geral e irrestrita”.

Para Nicolau Sevcenko, nessa nova sociedade de cultura esportiva:

O valor máximo é necessariamente a ideia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja patente é a beleza. Não surpreende que por isso que os termos por meio dos quais eram expressos os conflitos sociais passem a ser medidos pelos conceitos de profilaxia, da higiene e da eugenia. Assim, a justificativa para evacuar a população pobre da cidade, empurrando-a para os morros e os subúrbios, era formulada como política sanitária. (SEVCENKO, Ano, p. 571).

Os espaços da metrópole preenchidos pela população pobre passam a ser objeto de esvaziamento e escoamento destes indivíduos que não se encaixam na paisagem⁶¹.

Maria Celia Paoli recorda

quando, em 1916, o prefeito de São Paulo, Washington Luís, propôs transformar a Várzea do Carmo em um parque, sua justificativa enveredou pela necessidade de higienização moral da vasta superfície chagosa, escalavrada, feia e suja formada pelas voltas do rio Tamanduateí. (PAOLI, 1981, p. 40).

Este cenário de transformações incide diretamente no universo do futebol: pelo esvaziamento dos lugares do futebol popular, com o próprio aterro do Carmo; pelo deslocamento do futebol amador, que age a obsoletar o Velódromo; pelo distanciamento

⁵⁹ HOBBSAWN, 1991, p. 217-218.

⁶⁰ A faixa aberta no estádio para o Morumbi diante de 100 mil pessoas durante uma partida entre Corinthians e Santos levou, inclusive, “todo mundo pro banquinho do Doi-Codi”. SANTOS, 2004, p. 84.

⁶¹ PAOLI, 1989, p. 46.

das várzeas, prados, terrenos e qualquer pequeno campo rumo aos monumentos de concreto que consolidam e perpetuam a identidade e a memória dos atores do futebol.

2.3. Cidade do Futebol: Urbanismo e Territorialização

A transformação dos espaços na capital paulista está totalmente relacionada com as características da territorialização do futebol na cidade. Empresto o conceito amplamente utilizado pela antropologia, desde Georges Balandier (1951), Fredrik Barth (1969) e Georges Stocking Jr (1991), e no Brasil, passando por Roberto Cardoso de Oliveira (1964) e mais atualmente por João Pacheco de Oliveira (1993).

Guardadas devidas proporções e ajustes, o termo que fora empregado nas discussões acerca do lugar ocupado pelas comunidades autóctones na sociedade industrial demonstra efetividade ao lidarmos com o quadro social da capital paulista. Segundo Oliveira (1998, p. 56), trata-se de uma “intervenção da esfera política que associa — de forma prescritiva e insofismável — um conjunto de indivíduos e grupos a limites geográficos bem determinados”. Entre os imigrantes europeus (sobretudo italianos), negros e as elites tradicionais se constitui “uma coletividade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomada de decisão e de representação, e reestruturando as suas formas culturais” (Ibid., p. 56).

Esta intervenção torna-se relevante ao retomarmos parte das críticas à prática do esporte bretão. Lima Barreto, avesso à prática do futebol, considerava o esporte um “passatempo de ricos”, uma “importação odiosa”⁶². Em sua obra *Os Bruzundangas*, em que é criada uma alegoria da primeira república, o autor acusa os “aventureiros

⁶² O Paiz, 13 mar. 1919.

inescrupulosos, imigrantes que enriqueceram a partir das mudanças sociais e políticas do fim do século”⁶³.

O crescimento da modalidade, portanto, atravessou a rejeição em seu aspecto elementar e não apenas na inclusão ou exclusão de grupos específicos. Esta objeção, contudo, é ainda mais remota. Anatol Rosenfeld comenta o artigo de Monteiro Lobato, entusiasta da “paulistanidade”, publicado no *Jornal O Povo* em 1905 a respeito da partida entre Paulistano e São Paulo Athletic Club: “o autor expressa júbilo pelo fato de que a ‘raça neolatina’ conseguiu medir força com os ‘loiros filhos de Albion’ que viviam em São Paulo”⁶⁴.

Não é exagero dizer, portanto, que este esporte ao atrair a juventude intelectual da cidade permitiu o florescimento, como explica Rosenfeld (apud LOUZADA, 2011, p. 14), “das bases emocionais mais profundas de um nacionalismo inflamado pelo ‘complexo colonial’” (ROSENFELD, 1933, p.79).

O futebol tornara-se um elemento importante da vida cotidiana paulistana atraindo a atenção da elite econômica e política da cidade. No entanto, os novos arranjos sociais passam a ser norteados não apenas pelos vínculos ancestrais dos grupos em questão. A distribuição espacial destes revelada pelo futebol foi forjada também pelas transformações correntes no cenário urbano paulistano. Para compreender os fenômenos urbanísticos, portanto, é preciso recorrer alguns autores e documentos esclarecedores a este respeito.

O papel da indústria da construção civil em São Paulo era central no início do século XX. Sua emergente importância possui raízes oitocentistas intimamente ligadas à riqueza da economia cafeeira. A riqueza dos cafeicultores anteriormente concentrada na posse de escravos desloca-se quase linearmente à propriedade fundiária. O patrimônio

⁶³ FERNANDEZ, 2010, p. 98.

⁶⁴ ROSENFELD, 1933, p.79.

desta elite econômica é um fator delimitador no que diz respeito às políticas públicas do município.

Mesmo o poder público sempre generoso aos interesses das elites dominantes paulistanas – que incluíam os empreendimentos da indústria da construção civil –, empregou uma política que limitava a multiplicação de solo urbano, freando a abertura de novos lotes na cidade. Ao observar esta contradição e o papel central que os proprietários fundiários ocupam na economia brasileira, Nadia Somehk (1997, p. 14) entende que o Estado optou produzir uma escassez artificial de terra visando a valorização fundiária em benefício destes proprietários de terras.

Neste mesmo aspecto, Raquel Rolnik (1997, p. 24) sublinha a importância das leis urbanísticas para além das questões de ordem técnica ou estética, “interferindo em uma reserva de valor historicamente estratégica”. Por outro lado, esta característica da gestão municipal integra um projeto modernizador de importantes urbanistas como Vitor da Silva Freire, Luís da Anhaia Mello e Prestes Maia.

A racionalização desta prática é sustentada pela influência do urbanismo francês, alemão e mais adiante norte-americano, em figuras como Eugène Hénard⁶⁵ e Joseph Stubben⁶⁶. Dentre as propostas destes teóricos, destaca-se o *zoning*⁶⁷. O zoneamento era considerado o instrumento para administrar o caos da cidade⁶⁸; ele estabelecia, através de leis, zonas com regulamentos diferenciais, impedindo estruturas impróprias ou prejudiciais à cidade.

⁶⁵ Eugène Hénard (1849-1923): arquiteto e urbanista francês concebeu a Teoria Geral de Circulação na sua obra *Études sur les transformations de Paris*. A partir do estudo do sistema viário de Berlim, Moscou e Londres, Hénard propõe um “*perimètre de rayonnement*” (perímetro de irradiação) cuja função seria desviar o tráfego do centro de Paris. Posteriormente, a mesma ideia será adotada para São Paulo. SIMÕES JÚNIOR, 1990.

⁶⁶ Joseph Stubben (1845-1936): urbanista alemão, idealizador do plano de expansão da cidade de Colônia, escreveu a obra *Der Stadtebau* (a construção de cidades) em 1890 onde afirma que “os sistemas de tráfego e o sentido de seu fluxo formam a base de construção das cidades” (STUBBEN, 1924 apud. SIMÕES JÚNIOR, 1990, p. 13).

⁶⁷ Ilustração de SOMEHK, 1997, p. 46.

⁶⁸ *Ibid.*, p.45.

Em 1911, foi fundada a *City of São Paulo Improvements and Freehold Co*, empresa de capital supranacional que arrebatava interesses de diversos empresários paulistas. A Companhia City, como era conhecida, mobilizou a criação de novos bairros aos moldes da arquitetura da periferia londrina. Entretanto, as “cidades-jardins” que eram propostas de habitação para as camadas médias e pobres ingleses ofertaram espaço para as novas mansões e casarões da elite paulistana⁶⁹.

Esta intervenção urbanística, portanto, revela a institucionalização da prática de beneficiamento de interesses privados através de meios públicos. Tal como a formatação do percurso sudoeste (Campos Elísios/Higienópolis/Paulista), estritamente elitista, que apresenta pouco condensamento e grande valorização do preço da terra.

A abordagem marxista a respeito da cidade, em que as transformações socioespaciais são reguladas pela lógica da acumulação de capital⁷⁰ omite, por exemplo, as implicações e o debate em torno do código sanitário de 1918.

Vitor da Silva Freire no boletim do instituto de engenharia de fevereiro de 1918 criticou o código sanitário do mesmo ano. O código deferido a partir das preocupações higienistas encontradas desde o primeiro decreto desta natureza (1894), temia pelas condições precárias das habitações das camadas populares responsáveis pela proliferação de uma série de epidemias devastadoras que ocorreram em diversas partes do Estado e da Capital⁷¹.

A intervenção proposta pelo código visava extinguir o risco de convalescimento dos trabalhadores e sua própria degradação moral, fatores que incidem diretamente na queda do rendimento desta mão de obra. Freire (1918, p. 2030 apud SOMEHK, 1997, p. 39), entretanto, considera elemento positivo o condensamento urbano: “Agrupam-se homens em aglomerações para colherem as vantagens da cooperação, da divisão do

⁶⁹ MARINS, 1998, p. 181.

⁷⁰ GOTTDIENER, 1933 apud SOMEHK, 1997, p. 29.

⁷¹ ROLNIK, 1997, p. 37-38.

trabalho, para produzirem mais economicamente”. Somehk (1997, p. 39) menciona ainda que “o mau uso do terreno, segundo Freire, fazia de São Paulo um núcleo de mau rendimento. Quanto maior o numero de habitantes condensados numa certa superfície, melhor seria o aproveitamento.”.

Estabeleceu-se um conflito entre o pensamento higienista, que repudiava a formação de habitações de alta aglomeração populacional, e a ideia urbanista pragmática demonstrada por Freire. O diretor da Repartição de Obras Públicas Municipais, Vitor Freire, não defendia necessariamente a reprodução dos cortiços. Para o urbanista, a solução capaz de atender as exigências de salubridade e financeira estaria na verticalização dos edifícios, utilização de porões mais arejados e a diminuição radical dos pés-direitos.

Apesar da direção sectária e aglomeradora do mapa urbano paulistano, a cidade passou por uma redefinição profunda em seu espaço público. Com a ampliação da rede de iluminação, alargamento das vias, padronização das fachadas e dispersão do comércio ambulante, São Paulo tornou-se um espaço de circulação (ainda que restrito) onde impera a respeitabilidade burguesa⁷².

A São Paulo republicana se distanciava da cidade escravagista onde a segregação espacial era pouco acentuada. Migrantes e imigrantes acompanhavam o rastro de emprego das indústrias instaladas nos espaços entre as ferrovias e as várzeas, locais, no momento, menos valorizados que se tornaram alternativa de moradia e convívio da população mais pobre.

As grandes residências e chácaras passaram a se distanciar das moradias populares, das casas de comércio, oficinas e armazéns⁷³. Assim ganhou força a

⁷² ROLNIK, 1997, p.34.

⁷³ Ibidem, p. 28.

necessidade de viabilizar um projeto de mobilidade urbana que assegurasse a manutenção do novo *status quo*.

Dados da Guia Comercial, Industrial e Científica do Estado de São Paulo para 1897-1898 indicavam a existência de seis estações de bondes por tração animal e a vapor, administradas por sete empresas⁷⁴. Invariavelmente, o itinerário das estações contemplavam o sentido centrífugo do deslocamento urbano, muito embora causasse transtornos com a superlotação, lentidão e o constrangimento dos moradores da região sudoeste em dividir os mesmos vagões com os moradores da periferia paulistana.

Sendo assim, o modelo urbanístico empregado na cidade que privilegiava a capacidade de circulação e mobilidade fortaleceu-se com o tempo. A empresa *The São Paulo Trainway, Light and Power Company*, que se tornou responsável pelo abastecimento de energia da cidade e região, participou ativamente de diversas modificações espaciais na cidade. Foi a multinacional canadense empreendedora das represas de Guarapiranga e Billings; as usinas de Parnaíba, Edgard de Souza e Rasgão, Henry Borden; retificação dos rios Tietê e Pinheiros, e a implementação e gestão do transporte de bondes⁷⁵.

Priorizando a eficiência do deslocamento crescente de trabalhadores da cidade, a nova linha pretendida para o bonde elétrico foi a linha da Penha. As obras iniciadas em 05 de julho de 1899 foram interrompidas por falta de recursos, até que os empreendedores, capitão Franciso Antônio Gualco e o Comendador Antonio Augusto de Souza, venderam a concessão para o grupo canadense, a *São Paulo Tramway*, que

⁷⁴ Estações: Largo do Rosário (dois itinerários); Largo as Sé; Rua 25 de março; Mercado Velho e Mercadinho São João. Empresas: Cia. Carris de Ferro de São Paulo (Bondes a Burro); Cia. Ferro Carril de São Paulo (Bondes a Burro); Cia. Carris Urbanos de São Paulo (Bondes a Burro); Cia. Carris de Ferro de São Paulo a Santo Amaro (Tramway a Vapor); Cia. Tramway da Cantareira (Tramway a Vapor); Empresa de Bondes de Sant'Ana (Bonde a Burro); Cia. Viação Paulista (Bonde a Burro).

⁷⁵ Contudo, com a elaboração do Plano de Avenidas (1920), a Prefeitura passou a incutir uma visão rodoviarista no Departamento de Obras. A *Light* acabou se desinteressando pela gestão do sistema de bondes, passando o serviço para a municipalidade em 1946, que o finalizou em 1968 (OSELLO, 1983, p. 3).

somente viabilizou a implementação da linha Penha após a aquisição da Companhia Viação Paulista, em 1901.

A primeira linha efetivamente inaugurada foi a Barra-Funda no dia 07 maio de 1900, horas após a inauguração da Usina Elétrica a Vapor da Rua São Caetano. Seu itinerário percorria: Largo de São Bento, Rua Libero Badaró, Rua de São João, Rua do Seminário, Rua Santa Ifigênia, General Osório, Alameda Barão de Limeira até o fim na Chácara do Carvalho.

A relação tempo e espaço na cidade passara por uma transformação significativa. Em 1900 ainda foram inauguradas as linhas do Bom Retiro, Consolação, Vila Buarque, Higienópolis e Avenida Paulista; e a frota, em 10 anos, teve um aumento de 15 para 201 carros. A própria característica de ocupação dos veículos elétricos assinala o movimento centrípeto do deslocamento urbano; paulatinamente, os bondes elétricos que circulavam periféricamente passaram a circular pelas regiões mais nobres da cidade.

O impacto para os habitantes marginais da malha urbana era notório. A relevância dos empreendedores canadenses para o cotidiano da cidade manifestou-se claramente no universo do futebol paulista. Para além da emblemática partida disputada entre o time da *São Paulo Railway* e a Companhia de Gás ou mesmo a vivência de diretores da empresa ferroviária no SPAC (São Paulo Athletic Club, pioneira agremiação da cidade), a *Light*, como ficou popularmente conhecida, empreendeu diversos esforços em promover o futebol⁷⁶.

Em linhas gerais, percebe-se que uma brecha se abria para a vivência de grupos socialmente segregados em espaços de lazer e entretenimento que se multiplicavam na

⁷⁶ Em 1903 a empresa presenteou o SPAC com medalhas pelo bicampeonato conquistado. Relata-se também que a *Light* promoveu a primeira partida noturna com iluminação elétrica em 1923, disputado entre uma equipe da própria empresa e a Sociedade Linhas & Cabos no bairro do Cambuci. (SILVA JUNIOR, s/n).

cidade. Trata-se de uma transformação parcialmente coordenada, cujos limites passavam pela mudança da paisagem do município.

A moderna São Paulo, tal como apontou Nicolau Sevcenko, ofereceu suas ruas ao convívio do munícipe, seja ele rico ou pobre, brasileiro ou estrangeiro. Embora longe de instituir um espaço público democrático, a transformação na vida cultural da cidade onde as procissões perderam certo prestígio e frequência permitiu que espaços de entretenimento como o cinema, teatro, jogos de aposta e competições esportivas ganhassem grande interesse⁷⁷.

De acordo com Richard Morse (1988, p. 478 apud BRUNO, 1991, p. 1221), “o mundo dos bilhares, teatros e corridas de cavalo” ofereciam mais a necessidade social presente na cidade que a demanda espiritual atendida pelas celebrações religiosas.

O descompasso entre a demanda social e as ações do poder público era flagrante. Na fala do então prefeito da cidade, Washington Luís (1914-1919), a respeito da Várzea do Carmo é elucidativa:

[...] o que hoje ainda se vê, na adiantada capital do estado, a separar brutalmente do centro comercial da cidade os seus populosos bairros industriais, é uma vasta superfície chagosa, mal cicatrizada em alguns pontos, e, ainda escalavrada, feia e suja, repugnante e perigosa, em quase toda sua extensão.

[...] isso se opõem a beleza, o asseio, a higiene, a moral, a segurança, enfim, a civilização e o espírito de iniciativa de São Paulo. (TORRES, 1969, p. 182-183 apud SANTOS, 2000, p. 4).

As condições da região em questão eram alvo prioritário de intervenções que repercutiam diretamente na vida cotidiana da população. Os perigos produzidos na Várzea eram as “brigantes lavadeiras”⁷⁸; o “mercado de rua” dos “caipiras” e “quitandeiras” de Guarulhos, Penha, Santana, Nossa Senhora do Ó⁷⁹ que traziam

⁷⁷ BRUNO, 1991, p. 1221.

⁷⁸ SESSO JR, 1983, p. 79.

⁷⁹ AMERICANO, 1957, p.121; BRUNO, 1954, P. 54.

inconveniência ao trânsito e estética da área⁸⁰; os “ervanários” e “curandeiros” que traziam aflição à saúde pública do município⁸¹.

Neste escopo, os campos de futebol em suas margens desapareceram com as obras. Num contexto em que o futebol da segunda década do século XX ainda vivia sob a hegemonia dos clubes amadores apadrinhados pelo poder público e pelos grandes veículos de imprensa, mesmo espaços como o Velódromo, casa do Paulistano, acabaram sucumbindo à urbanização.

Rubens Ribeiro (2005), no entanto, afirma que a passagem do estádio oficial da Liga do Velódromo para o Parque Antártica estava associada a uma iniciativa em conjunto da própria LPF, e dos clubes Americano e Germânia (que ao lado do Paulistano formavam ao trio de ferro da elite do futebol) em oposição ao CA Paulistano⁸².

Os novos espaços para a prática do futebol contemplavam apenas os clubes das Liga Paulista de Futebol (LPF) e da APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), e em geral, foram criados a partir da iniciativa privada, embora o poder público atendesse pontualmente alguns empreendimentos. Haja vista que nos jornais, as colunas de esportes ampliavam, com o crescente interesse do público pelas partidas de futebol, o espaço dedicado aos jogos, descrevendo os preparativos, o cenário e o desempenho dos times, embora mantivessem sua função de mural de divulgação de reuniões e eventos de cúpula dos clubes.

Na perspectiva herdada de Elias e Dunning, podemos compreender os “notáveis conjuntos”, como se referia o fluminense *Jornal do Comércio* aos rivais Corinthians e Palmeiras, como índices de *status* adquiridos aos *assistentes*⁸³ que se tornam extensão

⁸⁰ SANTOS, 2000, p. 96.

⁸¹ HOEHNE, 1920 apud SANTOS, 2000, p. 96.

⁸² SALUN, 2007, p. 53.

⁸³ Expressão da época que se equivale à denominação *torcedor*.

da própria realização da partida. A atração das pessoas pelo espetáculo estimulado pelos jornais, em partes, associa-se ao “desejo de nobreza” e integração a uma “sociedade em ascensão”.

Ademais,

A paixão futebolística crescia muito mais depressa do que as providências administrativas dos clubes ou do governo podiam acomodar sequer acompanhar, estabelecendo a infra-estrutura de recursos e serviços urbanos capaz de garantir a sua plena vazão e desenvolvimento. [...] e a imprensa, sobressaltada como evidente descompasso, passaria a fazer da questão da praça de esportes monumental o seu principal cavalo de batalha na área esportiva. (SEVCENKO, 1992, p. 59)

Esta toada escancara um alinhamento dos interesses das elites políticas da cidade e os clubes a elas imbricados. Com a formatação dos bairros nobres, Antônio Prado Jr, sócio do paulistano e figura influente na imprensa e política da cidade, adquiriu terreno no Jardim América para a construção da nova sede de seu clube de estima. Com a presença do prefeito Washington Luís, do governador Altino Arantes, do poeta Olavo Bilac e do arquiteto Ramos de Azevedo – que se tornaria personagem central da estética urbana paulistana –, inaugura-se a nova sede do Paulistano e sua retomada ao panteão das disputas futebolísticas, após período de crise financeira.

Contudo, é emblemático o clamor por mudanças na organização do futebol na cidade. Ao noticiar partida entre Corinthians e Palestra, em 1917, *A Gazeta* (6 ago. 1917, p. 5) frisou o “excesso” da “lotação” no campo da Floresta, casa da Palmeiras, acusando o comércio irregular de lugares que haviam sido disponibilizados pelos donos

do bar situado atrás das arquibancadas: “urge que a Associação ou quem de direito, providencie sobre o caso [...]”.

Em suma, as transformações espaciais da cidade repercutiram de maneiras diversas no universo futebolístico ebulitivo de São Paulo. Em primeira análise, a vizinhança da casa-grande e senzala da sociedade escravista foi sobreposta por um distanciamento geográfico entre a elite e a população pobre da juvenil moderna capital paulista. As habitações periféricas e precárias receberam o contingente da população carente que incluía boa parte de migrantes e imigrantes dragados pelos lampejos de entretenimento que o esporte bretão os oferecia.

A contraposição que o futebol exerceu neste cenário é catapultada pela aglomeração proporcional dos praticantes da modalidade e dos assistentes entusiasmados com seus times de preferência. A reprodução de diversos times de origem popular e o apoio dos moradores entusiastas das partidas sustentou as bases da formação de novos clubes, estes então, à imagem das agremiações autorizadas a disputar a liga oficial, como Corinthians e o Ypiranga.

O cenário paulistano típico dos centros urbanos das sociedades industriais que hierarquizam espaços de moradia, lazer e convívio permitiu, ao mesmo tempo, uma intensa circulação de capital, serviços e pessoas. Esta condição precede uma integração excludente, mas resistente entre diversos setores da sociedade através da comunhão de ideias e desejos dos munícipes da moderna cidade, dentre aquelas, o futebol, atividade que ultrapassou os limites da abóboda aristocrata e atravessou o horizonte do cotidiano do paulistano de maneira irrestrita.

Capítulo 3

3.1. Saída de bola: As imagens das fundações de Corinthians e Palestra

Itália

As narrativas mais recorrentes referentes às origens dos rivais Corinthians e Palestra Itália estão apoiadas em uma série de registros de natureza primária (jornais, atas de reunião e depoimentos de personagens contemporâneos) e secundária (obras de memorialistas e pesquisas posteriores). Esse rol de interpretações mais comumente encontradas em textos de jornalistas e aficionados pelo esporte herdaram significações e mitificações que obscurecem o retrato mais preciso deste período embrionário do futebol na capital paulista.

No entanto, alguns trabalhos historiográficos trouxeram colaborações de profunda relevância acerca destes temas. Destaco quatro obras que dialogam definitivamente com a memória elaborada ao longo do século passado em torno da ideia do time do povo e do time de italianos.

Os trabalhos apresentam características no mínimo curiosas. Podemos agrupá-los em duas categorias ajustadas historicamente em seu tempo. As dissertações de mestrado de Plínio Negreiros (1992), *A gênese do Sport Club Corinthians Paulista*, e de José Renato Araújo (1996), *Imigração e futebol: o caso do Palestra Itália*, estão alinhados ao período de incorporação do futebol como objeto de pesquisa na academia.

Como sugerido nos títulos, ambos os trabalhos dedicam-se aos primórdios da história dos clubes que são investigados nesta dissertação. Negreiros debruça-se na ideia do caráter popular do Corinthians, recorrendo a origem varzeana dos seus jogadores e a

trajetória conflituosa do clube diante da recusa de sua participação nas competições disputadas pelos clubes de elite.

O cerne de sua pesquisa, portanto, consistiu na análise do papel do Corinthians nas transformações do futebol na cidade, seja pela popularização do esporte e a sua reorganização que passou a incluir agremiações oriundas de outros setores da sociedade.

Araújo, embora tenha desenvolvido sua pesquisa como sociólogo, não abriu mão do expediente historiador em sua obra. Em seu mapeamento etnográfico da capital paulista, reiterou a imagem da “etnicidade italiana” própria da cidade do início do século passado indissociável da natureza italiana do Palestra. O autor diagnostica um quadro heterogêneo da demografia da população italiana na cidade, dividido por imigrantes de diferentes regiões da Itália.

Esta amálgama forjada omite as implicações da diversidade de imigrantes italianos oriundos do Vêneto, Campania, Calábria, Lombardia, dentre tantas regiões. O Estado italiano, então, recém-criado (1870) ainda não constituía uma ideia de nacionalidade tão bem definida; o indivíduo vindo da península costumeiramente se denominava lombardo, barês, napolitano ou calabrês, ausentando a alcunha italiano⁸⁴.

Estas distinções são ainda mais remotas. Araújo (1996, p. 34) recupera um trecho da Assembleia Provincial em 1884 em que havia predileção pela introdução de trabalhadores italianos do norte, estes “adaptados pela moralidade” e “dotados de inextinguível amor ao trabalho”.

O resultado desta configuração social importada foi a proliferação de associações voltadas às populações específicas das diversas regiões exportadoras desta mão de obra. Frágeis, estas organizações eram efêmeras. Como um grande aglutinador social, o clube Palestra Itália surge como uma referência para esta população de imigrantes.

⁸⁴ ARAÚJO, 1996, p. 36.

Essa fundação constituiu um aparato que forjou um importante marcador identitário, o italiano. Dentre os excluídos desempregados ou subempregados perambulando pela cidade, oriundos da escassez de trabalho no interior ou diretamente do velho continente, estavam os imigrantes naturais de diversos pontos da península que acabara de se unificar. O “chamado” do Palestra Itália não apenas formou uma legião de assistentes e admiradores da agremiação, mas também circundou um contingente de força de trabalho que irá compor bases do proletariado paulistano do início do século. Ademais, ao mesmo tempo em que era forjada uma etnicidade italiana, as relações de trabalho se ajustavam à modernidade tardia brasileira, ofertando não mais o servil negro e mulato e sim o assalariado europeu.

Muito embora Araújo (1996, p. 106) ratifique por diversas vezes no texto a importância dos recortes demográficos da comunidade italiana, ao se referir à fundação propriamente dita do clube Palestra Itália, ele descreve o evento criador do clube à ocasião: “todos os integrantes da comunidade italiana da cidade São Paulo interessados na fundação de um quadro ítalo de futebol”.

Segundo o autor, estes membros, 46 no total, teriam sido convocados para uma reunião que definiria nome e data de oficialização. Neste caso, qual o critério de convocação para esta reunião? Quem eram os interessados? Houve alguma restrição?

A memória construída acerca da origem do clube possui alguns vestígios. Dentre as imagens relacionadas ao clube alviverde, está a figura da família Matarazzo, presente em diversos momentos da era Palestra Itália (1914-1942). Um dos fundadores, o calabrês Luigi Cervo, era funcionário da Companhia Matarazzo. Depoimento de Etelvina Cervo, filha de Luigi, é enfático ao assinalar que o Palestra nasce na (companhia) Matarazzo, fruto de uma iniciativa de parte de seus funcionários.

Como mencionado anteriormente, a visita do Torino e do Pró-Vercelli inspirou a formação de uma agremiação que contemplasse a comunidade italiana. Etelvina, entretanto, reitera que a fundação do clube já era um desejo embrionário anterior à chegada dos times italianos, sendo um assunto debatido inclusive à beira dos campos da várzea paulistana – visto, que o próprio Luigi Cervo, articulador da fundação do Palestra Itália, era jogador do S. C. Internacional.

Estas obras, elucubro dizer, transpiram o espírito da investigação em torno do futebol brasileiro neste período. A ideia de país do futebol pela excelência em sua prática passara a ser discutida com mais frequência sobre dois aspectos: o grande jejum da seleção brasileira – que ainda seria rompido com a conquista da copa do mundo de 1994, embora com uma seleção pragmática, à revelia da forma-representação do futebol-arte – e a deflagração do deslocamento crescente de jogadores para o mercado externo.

Essa leitura presente na década de 1990 fomentou questões acerca da identidade futebolística brasileira, ocupando cada vez mais a margem dos principais palcos do esporte. Em consequência, os pesquisadores passaram a destrinchar as bases estruturais do futebol no país através dos grandes clubes, os quais, cada um ao seu modo, oferecem uma parcela nas raízes, no caso, populares e miscigenadas consideradas fundamentais para a riqueza da modalidade no país.

Avançando uma década, dois trabalhos de fôlego retomam as discussões acerca da gênese dos clubes, levando em conta os passos largos dados na década anterior. Alfredo Salun (2007), em sua tese de doutorado *Palestra Itália e Corinthians: Quinta Coluna ou Tudo Buona Gente?*, recupera a memória dos clubes através da História Oral. Em sua obra, a “etnicidade italiana” atribuída ao Palestra Itália é estendida a um quadro

mais amplo que incorpora diversos setores da sociedade paulistana, inclusive seu clube rival, o Corinthians.

O mito fundador do clube fundado por espanhóis de estratos baixos da sociedade que acompanha o Corinthians é parcialmente desconstruído através da rede de atletas e dirigentes de origem italiana mapeados por Salun. O autor apoia-se, por exemplo, nas configurações familiares que abrigavam irmãos corintianos e palestrinos. “Os Filhos de Abraão”, como se refere ao Corinthians e Palestra, é uma alusão clara a uma essencialidade familiar que aproxima as duas agremiações. Uma hipótese costumeiramente lembrada pela crônica esportiva é a de que a fundação do Palestra Itália seria o resultado de uma dissidência do rival alvinegro, tal como uma briga entre irmãos, sugerida por Salun.

Existem indicações, inclusive no jornal *O Estado de S. Paulo* (5 nov. 1933), ao apontar a natureza da rivalidade como consequência da debandada de alguns defensores do Corinthians ao clube do Parque Antártica após o ingresso do alvinegro na liga paulista⁸⁵. O indício desta “tese”, segundo Salun, aparece na figura de Bianco Gambini, campeão paulista pelo Corinthians em 1914 e de outros sócio-jogadores do alvinegro como Amílcar, Police e Fúlvio que no ano seguinte vestem a camisa do rival em sua primeira partida oficial em 24 de janeiro.

Vale ressaltar o momento em que o texto foi publicado: trata-se do início da era profissional do futebol, em que o repertório de argumentos utilizados pelo diário se amplia ao ponto de que a abordagem de um assunto como a transferência de um atleta para outro clube é uma realidade latente. Neste período, o recrutamento dos *oriundi* – imigrantes italianos ou filhos de italianos que vinham sendo contratados por clubes italianos ou convocados pelo próprio Il Duce Benito Mussolini – já é um assunto recorrente nos jornais, que o deflagram com ressalvas e questionamentos.

⁸⁵ SALUN, 2007, p. 35.

Em linhas gerais, percebe-se uma variedade de representações em torno da origem dos clubes. Mais recentemente, João Paulo Streapco (2010) defendeu sua dissertação de mestrado *O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942)*. O resultado é um diagnóstico mais abrangente que o proposto anteriormente por Salun ao incluir o São Paulo no palco principal do futebol paulistano.

Streapco procurou desconstruir os imaginários clubísticos formados ao longo das primeiras décadas do século passado. A ambivalência posta entre Corinthians e o time da comunidade italiana já havia se enfraquecido com as pesquisas anteriores e é retomada pelo autor.

Para o historiador, a mudança do Corinthians do Bom Retiro para a nova sede na zona leste foi um dado fundamental para a consolidação do imaginário corinthiano de clube popular⁸⁶. Curiosamente, o desejo de mudança da sede é anterior, já entre 1914 e 1915, atesta o autor. Uma versão explicativa para esta mudança aponta a preocupação dos dirigentes em desvincular a imagem do clube do bairro do Bom Retiro para facilitar a aceitação de seu ingresso na Liga Paulista. Paradoxalmente, portanto, o clube do povo rejeitara um aspecto importante de sua origem popular para se apropriar de um capital esportivo da elite do futebol⁸⁷.

Ademais, segundo Streapco, foi possível recuperar indícios de uma forte rivalidade entre o Corinthians e o Minas Gerais, nos idos dos 1913, ainda no cenário varzeano. Esta constatação revoga a ideia quase naturalista de clube representativo das camadas populares, reiterando a noção de que tanto o imaginário esportivo palestrino como o corinthiano se formaram dentro de um processo mais complexo que a identidade clubística hoje mais bem acabada.

⁸⁶ STREAPCO, 2010, p. 188.

⁸⁷ Ibid., p. 189.

Em suma, é fundamental para o desenrolar desta dissertação levar em conta os processos responsáveis pela construção do imaginário esportivo destes clubes, que ao serem requisitados, revelam importantes intersecções. Para Streapco (2010, p. 123), a relação entre Corinthians e Palestra Itália é uma “competição cismogênica”, estabelecendo um parâmetro de alteridade, negando-se entre si e adotando características mais convenientes aos seus repertórios identitários.

As bases do futebol paulistano do primeiro quarto do século XX eram diversas, com times formados na várzea, em pátios de fábrica, em colégios e nos aristocráticos clubes da cidade. Em meio a este cenário, havia uma população tão heterogênea quanto, muito embora, inflada de imigrantes europeus – especialmente os italianos.

As linhas discursivas que reconstituem a narrativa histórica destes clubes são costuradas a partir dos diversos atores envolvidos com as transformações da cidade (poder público, empreiteiras, entidades esportivas, imprensa, etc). Mais que identificar as versões destas histórias, é preciso compreender a escolha efetuada pelos protagonistas e pelos caminhos que resultaram nas imagens elaboradas em torno de Corinthians e Palestra.

A ambivalência entre o time da várzea e o time da comunidade italiana é profícua até certa medida. Ambos contavam com integrantes de origem italiana e contavam com praticantes ou frequentadores dos espaços populares do futebol, sejam nos prados ou nas várzeas.

Vale pensar, portanto, que as escolhas pelas “mitologias” das agremiações atendiam uma lógica própria interna e a interesses em seu entorno. Esportivamente, as aglutinações decorrentes das fundações destes clubes desempenharam papel fundamental na consolidação de sua sobrevivência junto à dinâmica do espetáculo de massas desta modalidade. Politicamente, os clubes se ajustaram em meio a uma série de

conflitos descritos até aqui, barganhando suas condições “originais”, assimilando o perfil dos sportsmen signatários do futebol oficial; ao mesmo tempo, contaram com apoio de segmentos distintos do poder público e da burguesia em crescimento.

Compreender, portanto, os caminhos que produziram estas imagens é exercício crucial para dar luz à gestação da própria rivalidade entre as agremiações. A alteridade estabelecida entre Corinthians e Palestra Itália, sustentada por conceitos polissêmicos, provisórios ou parciais ainda há de ser observada no capítulo seguinte, para enfim, a investigação apontar as características específicas dessa rivalidade e dar relevo aos significados atribuídos aos seus respectivos estádios construídos neste período.

3.2. O Rio: O encontro no campo e o surgimento da rivalidade

Rival – “o que habita a mesma margem do rio”. Do lat. *Rivus*: rio + *al*: suf.

De adjetivo.

Oswaldo Portella, *Vocabulário Etimológico Básico do Acadêmico de Letras*,

1984, p. 117.

O termo rivalidade esteve presente na imprensa paulista muito antes da explosão futebolística da cidade. O jornal *O Estado de S. Paulo*, em circulação desde 1870, é um importante parâmetro. Geralmente associado aos conteúdos de política nacional, política externa e economia, o contexto do uso da palavra sempre aparece num antagonismo cujas partes não estão divorciadas de qualquer semelhança; a proximidade geográfica ou a origem étnica aproximam os diversos entreveros relatados.

Streapco (2010) aponta que o primeiro grande conflito entre clubes deu-se em 1906, a respeito de uma querela entre Palmeiras e o Germânia. O clube alemão acusara o Palmeiras de cobrança irregular de ingressos para as partidas. Os clubes ainda protagonizariam outro conflito: em 1911, o Germânia que havia vencido a partida contra o Palmeiras perdeu os pontos em decorrência de inscrição irregular de um atleta na competição. Entretanto, estes episódios não sustentaram a dicotomia destas forças. Há de se supor que o próprio enfraquecimento dos clubes, àquelas circunstâncias da crise do amadorismo, limitou o alimento desta rivalidade. Tanto que o grande confronto em destaque até meados da década de 1910 era travado entre o Paulistano e o próprio Palmeiras. Na seção *Estudos e Consultas*⁸⁸ d’*O Estado de S. Paulo*, um texto explicava a origem do conflito:

⁸⁸ O jornal apresentava um pequeno espaço que respondia a perguntas dos leitores.

[...] a rivalidade existia pelo seguinte motivo: em 1905, vários sócios do Paulistano se insurgiram contra a directoria, e acintosamente, passaram para o Palmeiras, que então era uma modesta sociedade. Este clube, devido ao reforço recebido tornou-se temível, transformando-se por isso, rival do Paulistano, que também possuía um “team” forte. (*O Estado de S. Paulo*, 26 mar. 1919, p. 5).

Neste caso, há um forte ponto de contato que aproxima as duas agremiações. O historiador Plínio Negreiros cita trecho do memorialista Jacob Penteado em que o autor destaca a “pancadaria” presente das partidas da várzea do Carmo. As rivalidades em questão revelavam as semelhanças entre as partes: Belo Horizonte x Cruzeiro do Sul (constituídos por elementos da colônia síria); Mancha de Sangue x Roma (membros da colônia italiana); Argentino x Botafogo e Estrela x União Belém (cada par pertencente ao mesmo bairro, Várzea do Carmo e Belenzinho, respectivamente)⁸⁹.

A conotação do termo, entretanto, tornou-se flexível. É possível perceber a adjetivação do rival, mais amplamente nos veículos de imprensa, não necessariamente atrelada ao valor belicoso e curiosamente durante o período da primeira grande guerra. Há de se supor a relevância em que as apreciações de diversos cronistas e memorialistas que passaram a reinterpretar a natureza da rivalidade, sobretudo entre paulistas e cariocas, que deixara de ser uma deformação do espírito dos *sportmen* para um combustível do crescimento das agremiações.

Contudo, a cobertura da guerra parece surtir efeito decisivo, permitindo conjecturar o aprisionamento (ainda que parcial) do seu sentido litigioso fora do campo esportivo, devido a grande “banalização” do seu uso nos textos relativos a guerra, política externa e economia.

Embora o sentido belicoso adotado ao termo “rival” pode ser associado a uma simetria semântica entre a guerra e as inúmeras brigas advindas dos “matches de foot-

⁸⁹ NEGREIROS, 1992. p. 57-58.

ball”, ao mesmo tempo, constitui-se uma contradição semântica, por exemplo, entre a brutalidade⁹⁰ e a “rivalidade insanável” dos próprios *gentlemen* e *sportmen* ingleses.

Não é objetivo desta pesquisa, tampouco atribuições e virtudes deste historiador que vos escreve mergulhar numa área de conhecimento tão dispare, ainda que possua grande importância como ferramenta de análise. Ainda assim, está além de uma simples elucubração o entendimento de que o termo em questão revele sua polissemia, sujeita a gradações de acordo com o contexto empregado.

Um aspecto fundamental na compreensão acerca da “coroação” de rivais, que está diretamente relacionada com o crescimento do futebol e o surgimento de diversos times⁹¹, é a diversificação das linhas editoriais da imprensa paulistana.

Como já anteriormente mencionado neste trabalho, as publicações se multiplicaram vertiginosamente durante a primeira república⁹². Muitos deles, como *A Gazeta* sucumbiram ao mercado editorial competitivo. Em 1918, à beira da falência, *A Gazeta* foi comprada por Cásper Líbero, transformando o periódico, e sem exagero, fomentando boa parte dos acontecimentos esportivos da cidade⁹³. Lançado como um jornal vespertino, deixava de competir com os gigantes matutinos *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*, e ao lado do *Folha da Noite*, lançado em 1921 arrendando a estrutura do próprio *O Estado de S. Paulo*, tornou-se um importante interlocutor dos pequenos comerciantes, profissionais liberais e funcionários públicos. Ao contrário dos poderosos matutinos destinados à elite econômica e política, os jovens vespertinos empregavam uma linguagem mais coloquial que proficuamente, senão ampliaram, diversificaram o acesso às informações e notícias.

⁹⁰ O Estado de S. Paulo, 30 maio 1916, p. 3.

⁹¹ NEGREIROS, 1992, p. 51-52.

⁹² Dos 60 jornais estrangeiros, quase a totalidade em italiano, 55 estavam na capital paulista. PILAGALLO, 2009, p. 58.

⁹³ Ibid., p. 62.

O sentido empregado ao termo “rival” em ambos jornais aparece numerosamente associado à competições esportivas, e comumente sem qualquer conotação pejorativa. Configura-se, assim, um novo espaço de mediação cultural, capaz de elencar elementos preteridos pelos demais órgãos de imprensa.

É a partir deste período em que Corinthians e Palestra juntam-se ao Paulistano formando o trio de ferro da capital paulista. Esta era (1917-1925), diagnosticada por Streapco (2010), concentrou títulos, atenção de torcida e a mais saliente rivalidade na cidade em torno dos três clubes. Segundo o historiador, o pano de fundo das desavenças travadas entre os clubes teria um conteúdo extracampo. O desligamento definitivo do Paulistano da APEA em 1925 e a consequente criação da Liga Amadora de Futebol (LAF) permitiu que o Paulistano pudesse obter controle efetivo das rendas geradas pelos torneios na nova competição.

A este respeito Alfredo Salun (2007) descreve um conflito polarizado entre Paulistano e Palestra, desde meados de 1917. Salun recorre a uma pesquisa de opinião publicada pel’ *O Estado de S. Paulo* em que os leitores indicassem os diretores da APEA de sua preferência. O resultado apontou Antonio Prado Jr, dirigente do Paulistano, e Menotti Falchi, dirigente do Palestra Itália⁹⁴.

Araújo (2010) lembra de um episódio emblemático protagonizado pelo jornal *Estado de S. Paulo*. Após reportagem que tecia elogios ao clube italiano, a edição seguinte se retratava em função de uma carta que condenava a apologia ao time estrangeiro, evocando um discurso nacionalista. Para o autor, a réplica de *O Estado de S. Paulo* dilui a presença da intolerância nacionalista no jornal, mesmo após a publicação da carta; e embora sublinhasse com frequência as origens italianas do clube, esquivava de qualquer comparação desta natureza ao seu desempenho em campo⁹⁵. Fica

⁹⁴ SALUN, 2007, p. 56.

⁹⁵ ARAÚJO, 2010, p. 16.

evidente, portanto, o grande espaço conquistado pelo *Palestra Itália* num dos principais veículos de imprensa da cidade.

Tais divergências se perpetuam publicamente até a saída do Paulistano da APSA em 1925⁹⁶. A condição política periférica do Corinthians neste período ficou clara com a tentativa de abandonar a APSA em 1927, que segundo os diretores alvinegros estaria controlada pelo adversário palestrino, e o ingresso à LAF, controlada pelo Paulistano.

Agradecendo a adesão de Ernesto Cassano, presidente do Corinthians, Antônio Prado Jr. declarou esperar do “campeão do centenário todo o esforço de que é capaz no trabalho de renovação do espírito do amadorismo no futebol paulista”⁹⁷. Tratava-se de mais um capítulo da “batalha semântica” empregada pelos agentes do futebol paulista que legou o declínio do Paulistano e de diversos clubes articulados em sua rede de influências⁹⁸, e, de maneira geral, afetou o rendimento e audiência das competições futebolísticas no ano. Este cenário pode explicar a intrigante edição de 20 de maio do *Correio Paulistano* que revelava um suposto interesse do Palestra em filiar-se à LAF⁹⁹, ao mesmo tempo em que prestigia e enaltece o papel da LAF para o esporte paulista.

A rivalidade até então estabelecida neste triângulo ludopédico possuía, portanto, origens em seu entorno, mas não deixou de se manifestar em campo. A revanche corinthiana à derrota para o Paulistano no Torneio Início de 1927 desembocou no desligamento precoce do alvinegro da LAF. Após a marcação de um pênalti contestada por quase toda a equipe do Corinthians em partida do dia 26 de junho do mesmo ano, o jogo foi encerrado; o zagueiro Grané foi suspenso e o Paulistano herdou os pontos da partida.

⁹⁶ Em 1924, o periódico italiano *Fanfulla* acusava o autoritarismo de Antônio Prado Jr. (ARAÚJO, 2010, p. 16).

⁹⁷ O Estado de S. Paulo, 20 fev. 1927, p. 7.

⁹⁸ STREAPCO, 2010, p. 58.

⁹⁹ Correio Paulistano, 20 maio 1927, p. 6.

A cobertura d'*O Estado de S. Paulo* noticiou o ocorrido de maneira sucinta, apenas tangenciando as causas internas da interrupção da partida – sequer mencionando qualquer implicação extracampo. Já a *Folha da Noite* relatou a “degenerescência desenvolvida pelos homens da pseudo-regeneração”:

Lá onde creou raízes da moralização política, technica, material do esporte brasileiro, justamente lá se desenrolou o espetáculo que collocou abaixo da critica toda a pyrotechnia da regeneração [...]. Entre apuros, o árbitro que esbulhara os direitos do Corinthians. (Folha da Noite, 28 jun. 1927, p. 2).

A coluna também afirma que “o caso de domingo é typico de nossos gramados”, associando a criação da LAF e a própria APEA em episódio semelhantes. Ainda mais interessante é a reconstituição de um diálogo entre o representante da LAF e dois jogadores do Corinthians: Gambarotta e Grané. O primeiro respondendo ao representante acerca da continuidade da partida responde que o time aguarda o que o “seu Antônio do Rio diz”. Em tempos de tanta discussão no futebol brasileiro a respeito da influência externa na arbitragem do jogo, não deixa de ser curioso o relato; contudo, permanece deveras sugestiva a ideia de que na disputa do cabo de guerra do futebol brasileiro tem prevalecido mais o lado das federações do que dos clubes.

Ademais, Grané, pivô do pênalti polêmico e considerado um jogador disciplinado, respondeu assim ao representante da LAF: “Aqui, no campo, sei eu defender meus direitos de jogador. Aqui não há patrão”. A veracidade do relato, de maneira geral, demanda difícil apuração. Contudo, as mensagens contidas nos discursos e a própria existência de uma visão divergente em torno do acontecimento são inegavelmente valiosas.

De um lado, a crítica aos gestores e às entidades do futebol paulista e a flagrante insatisfação com a jovem CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Além disso, a

fala de Grané personifica a aproximação do jornal vespertino com outro espectro de leitores e reitera a dissensão política do futebol paulista visualizada através dos diversos periódicos em circulação. O Corinthians ainda disputara sua última partida da Liga, mas já no dia 31 reestreiava na APEA contra o time homônimo de São Bernardo do Campo.

Dado é que o caráter amador ou profissional das entidades pouco se mantinham, senão no campo do discurso. O episódio emblemático envolvendo o retorno do Corinthians à liga pode ser comparado ao confronto entre Corinthians e Comercial no ano seguinte. Fazendo o caminho contrário ao Corinthians, o Comercial, sentindo-se prejudicado com a marcação de um pênalti na partida, retirou-se de campo e em seguida da APEA, filiando-se posteriormente à LAF¹⁰⁰.

É aberta, portanto, a partir da saída do Paulistano da APEA, uma lacuna no palco principal do futebol paulista que passou a ser preenchida pelo Palestra Itália e Corinthians. Mesmo durante os anos (1926-1929) em que os campeonatos da APEA e da LAF coexistiram, os dois clubes atraíam maior audiência, tendo em vista sua grande popularização. As atenções, então, foram canalizadas em direção desta rivalidade; no entanto, o percurso até este momento ainda carece de um maior aprofundamento.

* * *

O episódio apontado como um marco fundador da rivalidade entre Corinthians e Palmeiras, embora muito desenvolvido pela crônica esportiva, não aparece com a mesma frequência nos trabalhos acadêmicos. Às vésperas do terceiro confronto entre os adversários, em treze de maio de 1917, durante um almoço dos atletas corinthianos foi atirado um osso pela janela da pensão com a seguinte inscrição: “o Corinthians é canja

¹⁰⁰ FONTENELLE; STORTI, 1997.

para o Palestra”. A partida que foi realizada no dia seguinte foi comentada pelos jornais da época como uma das mais disputadas, sendo encerrada num empate de seis gols¹⁰¹.

Embora a veracidade do fato esteja sujeita a uma investigação que esta mesma pesquisa se debruça, no campo de disputa simbólica, este episódio constitui um ponto de inflexão importante na composição das rivalidades clubísticas da capital paulista, balizando, portanto, o período de formação da rivalidade do *derby* paulista.

A primeira partida oficial entre Corinthians e Palestra Itália pela APEA, em 1918, foi noticiada com destaque pel’*O Estado de S. Paulo*. Não há uma disparidade de espaço de exibição entre as notícias que envolvam o trio de ferro, Paulistano, Corinthians e Palestra Itália. No entanto, o *lead* da notícia do confronto entre alvinegros e palestrinos demonstra um entusiasmo mais evidente que os demais confrontos descritos na edição. O “match sensação”, segundo o jornal, teria sido responsável pelo desinteresse a partida entre Paulistano e S. C. Internacional na mesma data¹⁰².

Outros dois aspectos, que se tornariam recorrentes, se destacaram na cobertura esportiva desta partida: o destaque dado ao grande interesse do público que acompanha as partidas e os desfechos litigiosos das partidas, comumente sendo mediadas com dificuldade pela arbitragem.

“Os dois clubes da primeira divisão quando jogam contra o outro mobilizam todo o interesse e toda a atenção do nosso meio esportivo”¹⁰³, assim é concluído o primeiro parágrafo do relato da partida seguinte pelo *O Estado de S. Paulo*. Mesmo sem ignorar a campanha de outras equipes, já se fazia notar certo destaque entre estes rivais.

Em um longo texto referente a uma partida disputada em julho, aponta-se a “viva rivalidade” desde os tempos da extinta Liga Paulista. O encontro destas associações se caracterizava por grande entusiasmo e ansiedade do meio esportivo. No

¹⁰¹ UNZELTE, 2010, p. 19.

¹⁰² O Estado de S. Paulo, 14 maio 1918, 7.

¹⁰³ O Estado de S. Paulo, 3 maio 1919, p.6.

texto, ressalta-se o momento de abatimento moral que o alvinegro atravessara e o retrospecto positivo palestrino no confronto. A circunstância tinha caráter decisivo para o alvinegro que acabara derrotado. “Nenhuma derrota talvez lhe tenha pesado tanto”, continua a crônica e aconselha: “Para sair dessa posição basta o Corinthians persistir na sua fama costumeira”¹⁰⁴.

Após alguns parágrafos elogiosos ao desempenho das equipes e ao entusiasmo da multidão que acompanhara o confronto, o artigo encerra destacando o comportamento calmo dos *torcedores* – aqui o termo já substitui os assistentes – em contraste com o que vinha se verificando.

A importância dada ao confronto e à derrota do Corinthians ao rival compõe, senão o protagonismo destas equipes no cenário esportivo¹⁰⁵, ao menos indica uma predileção¹⁰⁶ do jornal pelas emergentes associações paulistanas. No artigo citado são evocadas características agressivas dos torcedores – então, compreendidas como índice revelador da rivalidade entre os clubes. Tanto que na partida o retorno, a coluna de O Estado de S. Paulo clama “que o vencido saiba se conformar com sua sorte”¹⁰⁷.

Observando alguns trechos amostrados de outras partidas em destaque na seção esportiva de O Estado de S. Paulo, nota-se que brigas e confusões não eram tão incomuns neste período. Todavia, a abordagem relativa aos episódios envolvendo Corinthians versus Palestra Itália possuía teor distinto. Os entreveros, embora lamentados, eram compreendidos pela tradição de rivalidade estabelecida entre os clubes e justificado de acordo com a grande competitividade do campeonato.

O diário Folha da Noite – que daria origem ao jornal Folha de S. Paulo – que passou a circular em 1921 destinava ao menos uma página inteira da sua seção de

¹⁰⁴ O Estado de S. Paulo, 21 jul. 1919, p. 4.

¹⁰⁵ O jornal aponta para uma multidão de aproximadamente 20 mil pessoas. O Estado de S. Paulo, 10 nov. 1919, p. 5.

¹⁰⁶ Os artigos referentes às partidas entre Corinthians e Palestra Itália abriam a seção de futebol no caderno de esportes de O Estado de S. Paulo.

¹⁰⁷ O Estado de S. Paulo, 9 nov. 1919, p. 4.

esportes aos confrontos decisivos do campeonato da APEA. Por outro lado, é inegável dizer que as edições relativas ao confronto Corinthians e Palestra Itália já recebiam destaque maior¹⁰⁸.

É importante frisar que é razoável a qualquer veículo de comunicação comercializar um produto de grande interesse de consumo. Para Ribeiro (1994, p. 15) “a Folha e o Estado configuram um campo empresarial e semântico único, pois mantêm intensas relações de referência e concorrência, são empresas de igual natureza e atuam na mesma cidade.”. Ademais, conforme os relatos e as descrições das reportagens, entende-se que as partidas dos rivais continham um significativo valor-notícia.

Tratava-se de uma partida cuja audiência era extremamente concorrida, produzindo, inclusive, pontos de transmissão de informações em “tempo real” em locais centrais da cidade, tal como a sorveteira “Meia-Noite” ao instalar no Parque do Anhangabaú um canal de notícias enviadas por telefone¹⁰⁹. Neste sentido, a popularidade deste confronto atende precisamente o viés mercadológico das empresas de comunicação.

Como mencionado anteriormente, um primeiro período inserido no recorte desta pesquisa (1917-1933) é balizado esportivamente, a grosso modo, com dois sentidos importantes: popularização e consolidação da competitividade de Corinthians e Palestra Itália ao lado do Paulistano e o enfraquecimento do Paulistano junto ao palco principal do esporte da cidade que culminou no seu desligamento da APEA em 1925 e o encerramento do departamento de futebol no fim da década.

Portanto, entre 1917 e 1925, constituiu-se um trio de ferro na vanguarda do futebol paulista. Essa disputa de forças, no entanto, muito embora se alinha às ideias dos pioneiros *sporstmén*, pela adesão tardia dos “jogadores de cor” e a dissimulação das

¹⁰⁸ Folha da Noite, 3 set. 1921, p. 4.

¹⁰⁹ O Estado de S. Paulo, 24 dez. 1922, p. 6.

práticas de remuneração dos atletas, para apenas mencionar alguns aspectos, provocou uma equação insustentável para o famigerado aristocrata clube dos jardins.

Tabela 5 – Retrospecto das partidas entre Palestra Itália e Corinthians

Data da Partida	Palestra Itália x Corinthians	Local da Partida
06/05/1917	3x0	Parque Antártica
05/08/1917	3x1	Chácara da Floresta
17/03/1918	3x3	Ponte Grande
24/03/1918	4x2	Ponte Grande
13/05/1918	3x3	Chácara da Floresta
03/05/1919	0x3	Chácara da Floresta
13/05/1919	2x1	Chácara da Floresta
20/07/1919	1x0	Ponte Grande
09/11/1919	0x1	Parque Antártica
25/04/1920	3x0	Ponte Grande
05/09/1920	1x2	Parque Antártica
04/09/1921	3x1	Parque Antártica
25/12/1921	3x0	Parque Antártica
08/01/1922	0x0	Chácara da Floresta
23/04/1922	2x2	Chácara da Floresta
09/07/1922	0x2	Chácara da Floresta
24/12/1922	3x2	Parque Antártica
08/07/1923	1x4	Chácara da Floresta
17/05/1925	0x3	Parque Antártica
15/08/1926	3x2	Parque Antártica
08/12/1926	0x1	Parque Antártica
21/08/1927	3x1	Parque Antártica
11/03/1928	1x3	Parque Antártica
25/03/1928	1x0	Parque Antártica
23/09/1928	0x3	Parque São Jorge
16/12/1928	0x0	Parque Antártica
23/12/1928	3x1	Parque Antártica
01/12/1929	1x4	Parque Antártica
04/05/1930	1x0	Parque São Jorge
27/07/1930	3x2	Parque Antártica
24/08/1930	4x0	Parque Antártica
29/03/1931	3x1	Parque Antártica
07/09/1931	2x0	Parque Antártica
13/09/1931	1x1	Parque São Jorge
15/11/1931	3x2	Parque São Jorge
06/11/1932	3x0	Parque Antártica
07/05/1933	5x1	Parque São Jorge
05/11/1933	8x0	Parque Antártica

O retrospecto dos confrontos entre Corinthians e Palestra Itália desde o primeiro jogo até o ano da inauguração oficial do seu estádio Parque Antártica somam 38

partidas. Ao invés do equilíbrio da contagem geral dos dias atuais vê-se boa vantagem do clube palestrino, com 22 vitórias, 6 empates e apenas 10 derrotas para o alvinegro.

E equilíbrio revela-se estatisticamente neste período através dos títulos da APSA: 6 triunfos corinthianos contra 5 palestrinos. Ademais, ambos clubes jamais deixaram de figurar entre os cinco primeiros na classificação final dos campeonatos que disputaram, sendo que muitas vezes ocupavam as três primeiras colocações.

Este aspecto importante para o diagnóstico da rivalidade entre os clubes não pode apenas ser analisado pelas partidas em si, mas também pelo contexto da competitividade em que as agremiações estão inseridas.

A segunda metade (1925-1933) referente ao recorte adotado nesta pesquisa apresenta retrospecto semelhante. Em oito anos, o Corinthians conquistou três campeonatos e o Palestra Itália quatro. O período pós-triunvirato Paulistano, Corinthians e Palestra Itália foi evidentemente marcado pela supremacia dos rivais exaltados pelos jornais da cidade. Com o desligamento oficial do Paulistano do futebol em 1929, criou-se uma ambivalência que só seria abalada definitivamente na década de 1940, com o São Paulo Futebol Clube. Corinthians e Palestra Itália seguiram o curso do rio, muito embora, digladiaram a condição de primeiros, não mais como apenas exploradores e sim conquistadores. Às margens do rio, nos interessam os seus entrepostos, ou melhor dizendo, seus parques. No subcapítulo seguinte, a discussão será recuperada à luz dos estádios Parque São Jorge e Parque Antártica, elencando três questões particionadas: a relação entre o poder público, os clubes e seus estádios; a agência da burguesia paulista nos clubes e seus estádios; uma reflexão sobre o caráter simbólico e os significados sociais e políticos dos estádios.

3.3. Dois Parques: A construção dos estádios

Diante da ambivalência esportiva entre Corinthians e Palestra Itália surgiu como inquietação da pesquisa qual seria o lugar ocupado pelos seus estádios nesta dinâmica de competição. De saída é importante apresentar este momento de constituição de um primeiro modelo de futebol profissional que demandou de espaços com condições específicas para sua prática.

A geografia ludopédica da capital paulista, como demonstrado até aqui, mostrou-se muito dinâmica, excludente e, se enquadrada, nos permite visualizar um grande mapa que revela algumas linhas do poder político e econômico no município. Tomamos como o caso do primeiro estádio de São Paulo, o Velódromo, erguido com anuência e interferência direta da família Prado como espaço de lazer e prática de atividades esportivas para os membros da elite paulistana.

Com o tempo, a prática do futebol passou a ocupar o Velódromo com grande frequência, tornando-se até 1915, ano de sua demolição, um dos mais importantes palcos futebolísticos da cidade¹¹⁰. Seria um grande engano associar este fato ao desinteresse ou desmerecimento em relação ao futebol por partes da elite política da cidade, ou mesmo ao próprio Paulistano, proprietário do estádio. Até mesmo porque, o zoneamento implantado na cidade legou ao Paulistano um grande terreno para o nascimento da sua sede existente até hoje no bairro Jardim América. É consenso entre os pesquisadores versados sobre o período de que se tratou de uma consequência objetiva do planejamento urbano e da especulação imobiliária da cidade.

No entanto, haveria de se questionar quais seriam os rumos das partidas dos campeonatos oficiais, tanto da Liga quanto da Associação. Este vácuo aparente permitiu

¹¹⁰ Como já foi mencionado anteriormente, o campo do Parque Antártica havia se tornado o palco oficial dos jogos da Liga Paulista de Futebol, em virtude do custo mais baixo de locação em relação ao Velódromo, campo oficial do Paulistano.

que a ideia de fomento ao futebol fosse preenchida não apenas pela iniciativa da aristocracia tradicional embriagada da riqueza do café e das aspirações europeizantes. Novos agentes tomariam a dianteira do desenvolvimento estrutural da modalidade, ao menos, em partes. Em suma, podemos conjecturar dois vetores importantes neste processo: o poder público e a burguesia ascendente.

É importante frisar que a massificação do esporte não foi apenas entendida pela imprensa e pelas elites do futebol como a transformação do esporte em espetáculo de entretenimento, porém também foi diagnosticada como um fenômeno de interesse do Estado¹¹¹. O futebol, esporte moderno, segundo Pierre Bourdieu (1983 apud LEONCINI, 2001, p. 21), configura-se como um “sistema composto por instituições e agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e consumos esportivos”.

Segundo o cronista esportivo Thomaz Mazzoni (1939)¹¹², o esporte sofria, tal qual a sociedade brasileira, por sua desorganização. Para ele, o grande entrave para a evolução do futebol no Brasil era o conflito entre os dirigentes em torno da “crise do amadorismo”. A disputa entre o futebol de elite e o futebol popular e o “clubismo” teria proporcionado uma dissensão crônica entre os cartolas que se desdobraria décadas adiante.

¹¹¹ Em 1928, o Decreto n. 4.405-A, de 17 de abril de 1928, que consolidava as disposições vigentes relativas ao serviço policial, assinalava: “No caso de protesto colectivo, que determine grave perturbação da ordem, a autoridade de serviço suspenderá as corridas ou a diversão, justificando sempre o seu acto em officio dirigido á autoridade encarregada de diversões”. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1928/decreto%20n.4.405-A,%20de%2017.04.1928.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2008. Em 1931, no início da chamada era Vargas, foi criado o Departamento de Educação Física subordinado à Secretaria do Interior. Chama a atenção um parágrafo único do artigo 2 já indicava que “O Departamento de Educação Physica manterá, para a realização de torneios esportivos, um estadio, na Capital, e quantos forem possíveis, nos maiores centros urbanos do interior.”. DECRETO n. 4.855, 27 jan. 1931. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1931/decreto%20n.4.855,%20de%2027.01.1931.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

¹¹² “*O Esporte a serviço da nação*, título de uma obra de Mazzoni, não poderia ser mais representativo do que se desejava dos esportes, especialmente o futebol.” (NEGREIROS, 1992, p. 8).

Mazzoni entendia que os interesses particulares dos dirigentes, atletas, torcedores e até mesmo a imprensa se colidiam com o caminho do desenvolvimento do futebol brasileiro. Para o historiador Plínio Negreiros (2003, p. 6), tal preocupação apresentada por Mazzoni estava afinada com discursos de dirigentes do Estado Novo: “Havia apenas uma saída: a intervenção e a autoridade do Estado, destruindo o ‘clubismo’ e estabelecendo a ordem e a disciplina para o bem do futebol do Brasil e, conseqüentemente, para o bem da nação.”.

Uma das faces deste “clubismo” era manifesto entre o conflito Rio-São Paulo, então considerado o cerne do que era considerado futebol brasileiro. A aproximação entre o universo do futebol e o contexto político brasileiro apontada por Hilário Franco Júnior é profícua; a simetria entre a era da república oligárquicas e a organização do futebol brasileiro ecoa nos rumos tomados pelos dois universos.

A discussão sobre o processo de incorporação do futebol como atividade de interesse público e do Estado é extensa¹¹³, sobretudo pela forma com que o Varguismo acomodou e se apropriou da dimensão espetacular do futebol, em destaque pela Copa do Mundo de 1938 e o uso do Estádio do Pacaembu.

Leonardo Pereira (2000) ao incorporar as noções de Norbert Elias e Eric Dunning (1995) a respeito do papel do esporte como prática civilizatória¹¹⁴, explica como o futebol passou a ser identificado como símbolo da brasilidade. Um fenômeno marcante destacado por Pereira é a realização do torneio sulamericano de selecionados nacionais no Rio de Janeiro, em 1919, vencido pela equipe brasileira. Com os diversos relatos da empolgação dos *assistentes* e a comemoração pelas ruas, a historiografia narra que o evento demonstrou o fenômeno da interiorização do futebol na sociedade e

¹¹³ Plínio Negreiros (1998), e mais recentes, Fábio Franzini (2000) e João Ferreira (2008).

¹¹⁴ Outros, como Blundell e Mackay (1999), percorrem caminho semelhante. Segundo os autores, no séc. XIX, como reflexo da Revolução Industrial, as más condições de trabalho foram questionadas e desenvolveram-se novos conceitos pedagógicos retratados nos ideais higienistas: como a prática do desporto como modo de não contrair doenças e como motivo de superação pessoal.

a expressão de uma identidade brasileira. O episódio analisado por Pereira remete-se ao primeiro estádio de futebol construído no país com características mais familiares dos estádios que conhecemos¹¹⁵.

O “Estádio das Laranjeiras” pertencente ao Fluminense Football Club, construído em 1919, foi viabilizado a partir de um empréstimo junto ao Banco do Brasil de dois mil contos de réis e a obra executada pela Companhia Locativa e Constructora.

Mais que este impulso dado através do empréstimo público ao Fluminense, até meados da década de 1950, em meio ao acúmulo de dívidas, a agremiação barganhou os débitos com títulos promissórios e arrastou mais recursos via poder público¹¹⁶ ao se beneficiar da influência de seu ex-presidente Arnaldo Guinle (1916-1931), membro de notável família de berço aristocrático, junto às instâncias públicas do governo federal – na época, ainda sediado no Rio de Janeiro¹¹⁷.

Aspecto do Stadium do Fluminense no início do 4º jogo do Campeonato Sul Americano – Brasileiros v. Argentina

Figura 4 – Estádio do Fluminense em 1919.

¹¹⁵ O Vélodromo embora seja considerado o primeiro estádio do Brasil não foi concebido com esta finalidade e tampouco se destinava exclusivamente a esta modalidade.

¹¹⁶ BRASIL. Decreto nº 3.955. *Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil*, Rio de Janeiro, DF, 31 dez. 1919. p. 19.350.

¹¹⁷ Outros detalhes da operação financeira envolvendo Fluminense, Governo Federal e Estádio das Laranjeiras, estão disponíveis em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/759>>.

Fonte: Revista Careta, 1919. Disponível em:
<<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/759>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

O grande motivador para a construção deste estádio era a realização do primeiro Torneio Sulamericano de Seleções, de 1919, disputado no Brasil. Em 1922, em meio as comemorações do primeiro centenário da independência, o novíssimo estádio tratado como pioneiro tornou-se palco de diversas competições celebrativas e eventos festivos.

Trata-se, portanto, de um primeiro movimento de ação conjunta explícita do futebol brasileiro envolvendo dirigentes esportivos e o poder público. No entanto, ao observarmos o espaço futebolístico que esta pesquisa se debruça, podemos capturar os primeiros indícios dessa cooperação no ano anterior.

O primeiro campo de futebol de propriedade do Corinthians é fruto da interferência direta de uma influente figura da sociedade paulistana: José de Alcântara de Oliveira Machado¹¹⁸. José de Alcântara foi escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, vereador e deputado estadual em São Paulo, ocupando ainda o cargo de senador de república (1935-1937) quando foi responsável por redigir o projeto de Código Penal de 1939 do governo varguista.

A região da Ponte Grande – nome deste primeiro campo corinthiano – abrigava também o campo da Floresta, então arrendado pela Associação Atlética das Palmeiras era área de certo requinte e valor imobiliário. Arborizada e às margens do rio tietê, a Floresta – como era chamada – era um lote significativo para o planejamento urbano que passava a produzir espaços de convívio e os bairros “jardins” pela cidade.

A possibilidade de locar uma parte desta área foi concretizada pelo ex-vereador e recém-empossado deputado estadual Alcântara Machado. Restaram a outras figuras como o presidente em exercício João Baptista Maurício engendrar outros meios de

¹¹⁸ Não confundir com Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira, escritor modernista e autor da obra *Brás, Bexiga e Barra Funda*, filho de José de Alcântara de Oliveira Machado.

custear os 110 mil réis mensais e as obras do campo orçadas entre 22 e 80 mil réis, buscando, ainda que sem muito sucesso, apoio dos gerentes das fábricas de cerveja Germânia e Antártica.

Uma saída encontrada para amenizar as despesas com a construção foi recrutar sócios para o lide na Floresta. O mutirão contou inclusive com os sócios inadimplentes que foram regularizados em troca dos serviços prestados no novo campo.

O Corinthians, em 1918, após ter disputado 44 de suas 88 partidas¹¹⁹ no campo pertencente ao clube da Companhia Antártica – o futuro Parque Antarctica –, arrenda um terreno, organiza um mutirão e inaugura em 17 de março sua “nova e confortável praça esportiva”¹²⁰, a Ponte Grande. Vestiários, banheiros, uma lanchonete e uma arquibancada mais ampla foram instaladas no terreno que manteve a paisagem da “Floresta” ao seu redor, conforme o contrato de locação¹²¹.

O episódio envolvendo a mudança de sede administrativa do Corinthians dá noção da dimensão da importância do novo empreendimento do clube alvinegro. Logo após a posse do presidente Ricardo de Oliveira, em 1914, fora convocada assembleia extraordinária em 20 de outubro do mesmo ano informando aos associados repentinamente a mudança da rua dos imigrantes no bairro do Bom Retiro para a rua dos protestantes, próximo do primeiro jardim público construído na capital¹²².

A confeitaria do ex-presidente Alexandre Magnani localizada na rua dos imigrantes, onde o Corinthians ocupava uma sala, fora vendida e novo proprietário exigia o uso total do prédio. A mudança, segundo consta em ata¹²³, acompanhava uma grande preocupação financeira. O aluguel da nova sede seria desembolsado por alguns

¹¹⁹ UNZELTTE, 2000.

¹²⁰ Correio Paulistano, 17 mar. 1918, p.3.

¹²¹ DIAFÉRIA, 1992, p. 196-197.

¹²² O Clube ainda mudaria de sede novamente dois anos depois para o prédio outrora conhecido como Palácio da Previdência no largo da Sé. Mesmo ano em que pela primeira vez o nome de Alcântara Machado é citado nas atas do clube. Ibid., p. 157.

¹²³ Ibid., p. 142-43.

sócios, mas ao mesmo tempo, dívidas de associados e de locação do campo da Floresta endossaram problemas com a saúde financeira dos corinthianos.

Dado é que um clube gerido a partir de modestas operações financeiras e de personagens despercebidos pela alta sociedade paulistana adquire um apoio que não apenas o atualizou no *status quo* demandado para a prática do futebol oficial como abriu precedente para uma estreita relação entre os clubes de futebol e o poder público.

Uma questão importante a se ressaltar acerca da figura de Alcântara Machado é porque um jurista, professor e político renomado se associaria a uma agremiação de origem popular e varzeana? É evidente que esta é uma pergunta que demanda uma pesquisa senão dedicada a este personagem, ao menos recortada em torno deste tempo e espaço. No entanto, é um risco aceitável elucubrar, levando em consideração a trajetória das grandes figuras políticas da cidade e seus clubes de afinidade, que se tratava, senão de um mecanismo de promoção social, de uma alavanca política estratégica num outro campo de relações de poder – no caso, o futebol.

Figuras “notáveis” da sociedade paulistana ingressavam nos quadros associados de suas agremiações convenientes: Antônio Prado, prefeito e posteriormente presidente do Paulistano; Eduardo Matarazzo, empreendedor da companhia do mesmo nome e presidente do Palestra Itália; ou mesmo no Rio de Janeiro, como citamos Arnaldo Guinle, aristocrata carioca, foi presidente do Fluminense e da própria.

Havia um novo capital político em formação na dinâmica da cidade. O futebol, atividade esportiva em franco crescimento na cidade, começou a atrair investidores para explorar uma série de produtos e serviços em torno dos jogos. Interferir num evento capaz de mobilizar periodicamente 5, 10 ou 15 mil pessoas não era irrisório. Se considerarmos a rotatividade de público, podemos considerar ao menos 20% da

população da cidade interessada, ainda que em diversos níveis, em participar, consumir e se manifestar acerca do espetáculo esportivo.

À ocasião da sua inauguração, os principais jornais destacaram o feito da Ponte Grande. *O Estado de S. Paulo* (17 mar. 1918, p. 5) e *A Gazeta* (17 mar. 1918, p. 6) não ignoraram o feito, destacando, no entanto, o *match* muito esperado entre Corinthians e Palestra Itália, “prova que vem despertando grande animação e interesse por motivo da rivalidade há longo tempo existente entre os dois clubes”, e “não somente porque se trata de uma pugna entre dois grêmios que de há muito se impuzeram em nosso meio sportivo como fortes e adestrados, mas também porque vai ser disputado em definitivo um artístico de bronze”.

No dia seguinte à partida inaugural, *A Gazeta* (18 mar. 1918, capa) destaca no centro de sua página de capa a festa da Associação de Cronistas Esportivos no Hipódromo e ao *match* no novo campo do Corinthians com a manchete: “A tarde sportiva de hontem. No Hippodromo e na Ponte Grande 9”. A reportagem cita a presença de figuras ilustres, dentre elas, o próprio Alcântara Machado. O diário *Correio Paulistano* (18 mar. 1918), considerado escritório do Partido Republicano Paulista, destacou o feito esportivo: “A inauguração da praça de esportes do Corinthians Paulista foi um sucesso. Cerca de 10 mil pessoas ocuparam as dependências, dando ao local um aspecto encantador [...]. O pontapé inicial foi dado pelo Doutor Alcântara Machado [...]”.

Este foi o primeiro episódio efetivo de interesse central desta investigação histórica. A rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália, mesmo construída pela imprensa do período quase como um dado natural das agremiações, não era equívoca de se perceber num contexto mais amplo dos campeonatos oficiais. No entanto, a hipótese de uma vitória simbólica corinthiana diante do seu rival tem sua primeira negativa. Não

há menção de qualquer relação de competitividade ou animosidade em torno deste aspecto nos relatos jornalísticos da partida.

Por outro lado, a edição de *O Estado de S. Paulo* do dia seguinte à partida nos indica uma questão mais abrangente. Ao lado das elogiosas descrições da inauguração da nova praça de esportes do Corinthians, seguia uma coluna extensa reproduzindo texto do diário carioca *Correio da Manhã*, em que se faziam duras críticas à gestão das cotas da Confederação Brasileira de Desportos, presidida pelo carioca Arnaldo Guinle, e demonstrava muita preocupação e cobrança diante da necessidade de solucionar a carência do lugar capaz de receber o torneio sulamericano de seleções do ano seguinte¹²⁴.

Esse documento nos permite inferir o posicionamento político de *O Estado de S. Paulo* perante o conflito posto entre paulistas e cariocas na diretriz do futebol nacional. É colocado justamente neste dia de louros do futebol paulista uma reflexão crítica acerca dos progenitores do futebol carioca. Ao fazer a leitura das três edições anteriores e avançando outras três, não há qualquer menção sobre a celeuma em torno do futuro estádio para o torneio sulamericano.

É preciso, no entanto, deixar claro os significados dessa leitura. Não há como afirmar que o caso se refere a uma ação editorial objetiva e intencional. Pode-se imaginar que a inauguração forjou uma pauta, e assim, abrigou o mesmo assunto sobre outro espaço e contexto. Portanto, não é equívoco entender que se trata de um mesmo campo semântico que envolve uma agremiação esportiva e o poder público viabilizando uma praça esportiva. Desta forma, a ausência de qualquer questão interclubística como agência deste empreendimento não descarta a rivalidade política do eixo Rio-São Paulo.

* * *

¹²⁴ O Estado de S. Paulo, 18 mar. 1918, p. 6.

Outro vetor importante no desenvolvimento estrutural do futebol é a agência de setores emergentes da burguesia. Trata-se de empreendedores de proeminência econômica de raízes estrangeiras que buscam conquistar destaque social e respaldo político. Muito embora se refira a um segmento amplamente heterogêneo sob seus diversos aspectos (posição social, nacionalidade, setor produtivo), a colônia italiana demonstra realce muito em função dos empreendimentos da família Matarazzo.

O *Palestra Itália* passou em 1917, ao lado do América, a ser o grande mandante das partidas no campo do Parque Antártica¹²⁵, até que em 1920, com o investimento do grande articulador das fraternidades e coletivizações italianas da cidade¹²⁶ e diretor benemérito da APSA, Conde Matarazzo, o campo passou a ser propriedade do Palestra Itália.

As negociações iniciadas ainda durante a presidência de Duílio Frugoli, em 1919, foram concretizadas no ano seguinte pelo presidente Menotti Falchi. A família Menochi, ao lado do financista Serafim Corso, adquiriu uma gleba de terra em 20 de outubro de 1890. O Campo Grande, como era chamada, foi loteada, e ali foi construída a Fábrica de Chocolates Falchi, primeira fábrica instalada no bairro hoje conhecido como Vila Prudente – entitulado em homenagem ao primeiro presidente da república, Prudente de Moraes – que perdurou até a década de 1950.

A empresa que empregava substancialmente mão de obra imigrantes italiana mobilizou o loteamento dos redores da fábrica, o que viabilizou a construção de moradias modestas para os trabalhadores de sua empresa.

¹²⁵ “A construção destes estádios nas dependências do clube demonstra a dificuldade em compatibilizar o programa na implantação. A primeira geração de estádios apresenta a arquivancada principal conjuntamente com a o edifício-sede do clube, junto com os salões de baile como acontece nos exemplos de São Paulo e Rio de Janeiro, fruto de uma adaptação do programa com o lote.” (CERETO, 2003, p. 6).

¹²⁶ ARAÚJO, 2000.

O caráter empreendedor da família Falchi assemelhava-se aos dos demais proeminentes empresários da colônia italiana. Mais que isso. A promoção ao trabalho e à moradia atendia a demanda elementar aos milhares de italianos espalhados na cidade. A prosperidade econômica de Falchi era notória ao ponto de se associar aos irmãos Sacoman – fundadores do bairro homônimo – e fundar a Cerâmica Vila Prudente, importante olaria que abasteceu o crescente mercado da construção civil de São Paulo.

A ascensão empreendedora de Falchi, sobretudo através de arranjos empresariais, consolidou o papel de destaque junto aos setores produtivos da cidade e forjou uma espécie de liderança perante a colônia italiana. De certa forma, a trajetória de Falchi no futebol se assemelha ao ingresso do Dr. Alcântara Machado, em suas devidas proporções. Figuras proeminentes em suas atividades profissionais, ambos possuíam prestígio perante a parcelas distintas da sociedade e respaldo equivalente junto a esfera política. O meio do futebol era um novo espaço a ser explorado, tanto como um novo empreendimento quanto uma plataforma simbólica de representatividade das massas sedentas pelo espetáculo esportivo.

Neste sentido, a interferência do Conde Francesco Matarazzo no futebol e, mais adiante, de seus descendentes, é uma clara manifestação do interesse crescente pelo futebol da elite política e econômica da cidade. Na contramão de outras agremiações tradicionais que em seu berço contavam com membros da elite política da cidade, como o caso do Paulistano, Corinthians e Palestra Itália atraíram o apoio de setores estratégicos para o fomento do esporte.

O primeiro movimento da família Matarazzo, ainda em 1920, foi o apoio à compra do campo do Parque Antártica pela grande quantia de 500 mil réis¹²⁷. A dívida

¹²⁷ A relevância do futebol no cenário social era evidente. Após esta transação financeira, a Companhia Antártica construiu no bairro da Mooca o estádio Antônio Alonso para o uso do time dos seus funcionários, o Antarctica Futebol Clube.

contraída por Falchi foi sanada com a venda de parte da área adquirida pelo clube com saída para o Conde Matarazzo.

O primeiro passo dado era emblemático e não era por menos. O Parque Antártica havia se tornado após a demolição do Velódromo o principal palco do futebol da cidade. Desde 1917 o campo já era locado regularmente pelo Palestra Itália. A sua aquisição definitiva sinalizava o protagonismo em marcha da agremiação italiana.

A edição de *O Estado de S. Paulo* do dia seguinte da formalização da compra do Parque Antártica chama a atenção¹²⁸. Não por mencionar a transação financeira, mas pela “necessidade de possuímos o ‘stadium’”. Afirma-se que a Ponte Grande é considerada pequena e o Parque Antártica maior, e, portanto, mais apto para atender o público, muito embora se ressalve as precárias acomodações.

O significativo é o fim da crônica que sentencia: “Neste ponto a iniciativa particular dos clubs nada pode fazer, em tudo dependendo dos esforços que fizeram os poderes públicos.”. Ainda que se espremam os olhos para visualizar uma associação entre os clubes a alteridade entre os campos de futebol citados, condiz a este espaço de ideias percorridas no jornal, por assim dizer, uma preocupação que atinge transversalmente os clubes de futebol.

Os demais diários consultados, ao menos na série examinada, ignoraram o episódio da compra. O primeiro projeto¹²⁹ foi apresentado em setembro do mesmo ano. As obras se iniciaram no ano seguinte, ainda que tenham se diluído ao longo de mais de uma década até sua inauguração oficial em 1933. Em 1923 é fundado o departamento do basquete, já com o novo ginásio que receberia iluminação em 1927. O cotejo de algumas fontes com a bibliografia divergem em torno de algumas datas deste processo. A versão oficial apontada inclusive no portal oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras

¹²⁸ O Estado de S. Paulo, 28 abr. 1920, p. 6.

¹²⁹ Il progetto del dott. I. A. Pereira Queiroz. Fanfulla, 5 set. 1920, p. 5 apud STREAPCO, 2010, p. 15.

afirma que, em 1924, o presidente Francesco de Vivo promoveu um concurso para a elaboração de um novo projeto. Em contrapartida, o historiador João Fernando Ferreira aponta para a escolha do projeto de Ettore Battisti contemplado para a obra, em 1923¹³⁰.

Em linhas gerais é conclusivo afirmar que os custos eram demasiado elevados, ainda mais diante da diversificação atividades sociais e esportivas do clube: festas da associação de cronistas e da própria APSA, e as competições esportivas de outras modalidades. A retomada das obras no estádio dá-se na presidência de Eduardo Matarazzo (1928-1932): em 1928 foram construídas as arquibancadas sociais; em 1929, o lançamento da pedra fundamental do estádio Palestra Itália; em 1932 as arquibancadas populares; somente em 1933, contanto com o arquiteto Amleto Nipote, erguem-se as tribunas formalizando sua inauguração.

À ocasião do lançamento da pedra fundamental do estádio do Palestra Itália, *O Estado de S. Paulo* (11 mar. 1929, p. 11) destacou o feito e clamou em uma crônica “Uma questão urgente. A verificação e o melhoramento dos campos”. De um lado, o jornal destaca a presença de diversos membros da CBD e autoridades locais no grande feito palestrino para o futebol da cidade. Na coluna crítica abaixo, o redator enumera duas questões centrais: (1) “retificação das dimensões do campo de acordo com as exigências regulamentares [...]”, levando em conta as linhas e marcas da cal e a drenagem do campo; (2) “O aparelhamento da grama e a sua compressão”.

¹³⁰ FERREIRA, 2008, p. 50.

Uma parte da assistência que houve no Parque Antarctica, no Jogo Palestra-Botafogo

Figura 5 – Torcida acompanha partida entre Palestra Itália e Botafogo à ocasião do lançamento da pedra fundamental do estádio Palestra Itália.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 12 mar. 1929, p. 12.

Chama atenção a diferença de abordagem entre este artigo de 1929 e o citado acima de 1920. A leitura mais técnica das condições dos campos, pode se dizer, está relacionada ao estágio de profissionalização da modalidade.

O evento contou ainda com o torneio curto entre Palestra Itália e Botafogo, representando um desafio entre paulistas e cariocas. Outro aspecto merece atenção. Para receber os atletas da partida foram formadas duas fileiras de atletas do Corinthians e Palestra Itália de outras modalidades na entrada de campo. A “Parada de Athletas de Corinthians e Palestra”¹³¹, como foi chamada pelo título da reportagem, reforça uma ideia de coesão entre as duas agremiações. Tratava-se de um importante evento esportivo na maior praça esportiva da cidade e, para tanto, destinava-se como uma espécie de anfitriões os aclamados rivais e protagonistas do futebol da cidade.

Em contrapartida, a *Folha da Noite*, observou o episódio ressaltando o viés político do evento. Os “matches interestaduais” entre Palestra Itália e Botafogo e Corinthians e Vasco da Gama “iniciam o intercâmbio esportivo entre Rio de Janeiro e São Paulo, de formas a não parecerem duvidas os desejos de amizade [...] os dois

¹³¹ O Estado de S. Paulo, 12 mar. 1929, p. 12.

maiores centros esportivos do país”¹³². E conclui: “A necessidade de se reatarem as relações entre as duas entidades, AMEA e APEA, fazia-se sentir, com intensidade”.

Uma reflexão possível a se realizar a este respeito passa por recuperar um episódio curioso em fevereiro do mesmo ano. No dia 17 desse mês, uma partida de caráter amistoso entre o Sírio e um combinado¹³³ de Corinthians e Palestra Itália com fins de preparação da seleção paulista para uma excursão no sul¹³⁴.

A rivalidade dos grandes protagonistas do futebol era atravessada pela questão política regional, ao menos pela orientação de seus dirigentes. Diante deste quadro, os louros atribuídos ao novo estádio palestrino pouco se relacionava a uma dinâmica comparativa e provocativa interna; evidenciava-se a aparente aporia da direção do futebol no país, dividida entre as suas duas maiores forças.

A década de 1920 teve talvez a primeira fase de construção de praças esportivas destinadas, senão exclusivamente, ao menos motivadas à realização da prática do futebol. A demanda pela estrutura era recorrente nos diários impressos da cidade e evidencia no conjunto um movimento de afirmação do cenário ludopédico paulista: o Germânia, atual Pinheiros, adquiriu em 1920 sua praça esportiva na Chácara do Itaim¹³⁵; em 1922, a Portuguesa de Desportos adquiriu o campo de futebol da União Artística e Recreativa de Cambuci inaugurado oficialmente três anos depois; em 1925 tem início das obras do Estádio Conde Rodolfo Crespi, conhecido hoje como Rua Javari, pertencendo ao Clube Atlético Juventus; e por fim, em 1928, a inauguração do novo estádio corinthiano Alfredo Schürig, o Parque São Jorge.

Até a reinauguração do principal estádio da cidade, Palestra Itália, em 1933, o futebol demandava de tais espaços de prática e realização adequada do evento público

¹³² Folha da Noite, 12 mar. 1929, p. 4.

¹³³ Corinthians e Palestra Itália já haviam disputado uma partida vestindo o mesmo uniforme. Em 12 de outubro de 1917, o combinado venceu o Paulistano por 2 a 0 no *match* beneficente.

¹³⁴ Folha da Noite, 17 fev. 1929, p. 5.

¹³⁵ STREAPCO, 2010, p. 19.

numeroso. A Ponte Grande era notoriamente incapaz de absorver o contingente de torcedores e de oferecer condições de conforto e comércio ao público.

A ideia de um novo estádio começara a se tornar realidade na presidência de Ernesto Cassano (1926-1928)¹³⁶. O estádio pertencente ao Sport Club Sírio localizado na rua São Jorge, que sofria com sua saúde financeira, havia sido inaugurado em 1919 e a partir de 1928 recebeu o Corinthians como seu mandante e proprietário.

Sob uma perspectiva progressista, ao clube, interessava este salto no patrimônio e desenvolvimento esportivo mediado por novos atores advindos de estratos superiores¹³⁷. Duas figuras importantes de destacam neste contexto: Alfredo Schürig e Wladimir de Toledo Piza. A retaguarda social e econômica de ambos viabilizou a aquisição do terreno por 750 mil réis, quantia colossal perto dos 40 mil posteriormente alavancados com a venda da Ponte Grande.

Schürig, um dos pioneiros da metalurgia no país, ainda que morador de Jacareí, município do Vale do Paraíba, frequentava com frequência a capital, onde era sócio da casa de ferragens Schill e circulava bem nos meios da colônia alemã.

Toledo de Piza, filho de Franklin de Toledo Piza, primeiro delegado geral da polícia de São Paulo, herdou o patrimônio e o prestígio familiar, e seguiu carreira na medicina e na política, tornando-se prefeito da cidade entre 1956 e 1957.

Dentre estes três personagens, presidente Cassano, Schürig e Toledo Piza, o alemão se eternizou ao dar nome ao futuro estádio, muito embora após atravessar uma grave crise política impulsionada pela pressão dos sócios em rejeitar um desquite da colônia pertencente ao Eixo.

Os relatos reunidos apontam para uma solução deveras personalista na solução do problema de caixa do clube ao quitar a dívida da compra do novo estádio. Toledo

¹³⁶ A aquisição do Parque São Jorge foi decidida no dia 2 de junho de 1926 em uma reunião que contou com a presença de 51 sócios. STREAPCO, 2010, p. 192.

¹³⁷ SALUN, 2007, p.71-72; STREAPCO, 2010, p. 192-193.

Piza recorreu diversas vezes a Schürig que invariavelmente injetou tantos contos de réis fossem necessários àquela conjectura¹³⁸.

As inaugurações dos novos parques às margens do rio que atravessa a cidade é o ponto de chegada do percurso desta pesquisa. A *Folha da Noite* relatou a partida inaugural do estádio de Parque São Jorge de maneira discreta. Apenas na edição de véspera da partida houve uma pequena nota anunciando a inauguração da “excelente praça de esportes”¹³⁹. A cobertura de *O Estado de S. Paulo*¹⁴⁰ é tão breve quanto e ainda economiza os adjetivos usados pela *Folha*.

A hipótese mais razoável ao certo desprezo pelo evento dá sob três circunstâncias: 1) O jejum de três anos sem títulos e o fortalecimento do Palestra Itália, que na ocasião era bicampeão; 2) A saturação da pauta, levando em conta os recorrentes empreendimentos no maior estádio da cidade o Parque Antártica; 3) O entusiasmo específico ao Parque Antártica estandarte da prosperidade do futebol paulista.

A *Folha da Noite* (12 ago. 1933, p. 8) garante destaque de capa – num período em que o futebol passara a ter maior espaço de exibição no jornal – ao Palestra Itália anunciando “match inaugural” contra o Bangu: “O jogo será realizado no campo do Parque Antártica, inaugurando parcialmente o grandioso estádio do campeão paulista”. Manifesta-se, em mais uma oportunidade, a preferência por um confronto interestadual na ocasião de um evento de grande relevância para o futebol local. O embate entre os principais polos futebolísticos do país desdobrava-se numa dupla direção neste caso: a aproximação quase diplomática entre as agremiações e ao mesmo tempo a exibição da prosperidade do futebol paulista.

A despeito dos demais elogios ao longo da reportagem, chama atenção o “parcialmente” na descrição do evento, dando a entender duas impressões significativas:

¹³⁸ DIAFÉRIA, 1992, p. 167-168 e 170-171.

¹³⁹ *Folha da Noite*, 21 jul. 1928, p. 5.

¹⁴⁰ *O Estado de S. Paulo*, 22 jul. 1928, p. 9.

1) o futebol, tratando-se de uma atividade cujos alicerces estão em formação, era estruturalmente precário e as dificuldades financeiras dos clubes, no caso o Palestra Itália, truncavam o desenvolvimento de seus incrementos e o cumprimento de suas metas; 2) a referência a data de inauguração, levando em conta os diversos ciclos de obras de melhorias no estádio, insere-se numa discussão acerca da memória produzida em torno do Parque Antártica que demanda segundo a nossa tradição historicizante de um marco oficial desta natureza.

Já a cobertura do Palestra Itália *Estado de S. Paulo* é bem mais modesta que aquela do lançamento da pedra fundamental, em 1929. Na edição do dia anterior, não houve menção qualquer, apenas chamando atenção a grande crônica “Os efeitos da Concorrência” em que se lamenta o “triste trabalho” dos chefes dos clubes em “caçar jogadores”¹⁴¹. No dia da inauguração oficial, o jornal foi econômico ao descrever as “novas instalações do club do Parque Antártica”¹⁴².

O mais curioso é a presença de um grande anúncio da cervejaria Antártica ao lado da reportagem¹⁴³:

Figura 6 - Anúncio da cervejaria Antártica.
Fonte: O Estado de S. Paulo, 13 ago. 1933, p. 10.

¹⁴¹ O Estado de S. Paulo, 12 ago. 1933, p. 6.

¹⁴² O Estado de S. Paulo, 13 ago. 1933, p. 10.

¹⁴³ Outro aspecto é a colocação da propaganda da marca que deu origem ao próprio estádio e ainda mantém relação estreitas com o clube.

Um aspecto sobressai na leitura da imagem: a estrela no canto esquerdo superior e a sua própria disposição diagramática. Embora este trabalho não se debruce na análise de imagens e tampouco reúne premissas para tal, é inegável a presença de um diálogo da referência judaica à empresa que deu origem ao recém inaugurado estádio do clube, que por contrato de 99 anos é obrigado a comercializar apenas produtos da Companhia Antártica, em contraste ao mesmo clube de colônia italiana que passara a ser associado ao antissemitismo do fascismo italiano.

Demanda-se uma incursão densa para analisar este discurso; refere-se a uma ironia com intenção de constrangimento? Ou uma tentativa de conciliação e abrandamento de uma posição palestrina simpática à Mussolini?

* * *

A rigor, tal como o projeto do Parque Antarctica, “os primeiros campos tinham frequentemente forma elíptica e uma arquibancada aberta inclinada que era vista como uma variação barroca dos majestosos anfiteatros romanos”¹⁴⁴. No entanto, com a escassez de espaço nas cidades e o pragmatismo da engenharia dos estádios, muitos campos passaram a ser retangulares e aproximaram os espectadores do jogo. Este é o caso do Parque São Jorge que se insere na seguinte definição:

Os estádios do início do século eram fundamentalmente práticos, sem preocupação de inserção urbana, visto ser apenas uma adição ao campo de jogo. Os estádios eram edifícios mono-funcionais introvertidos, com utilização inconstante e sem grandes benefícios para a cidade, sendo a sua importância refletida na localização. A popularidade do futebol existente majoritariamente na classe operária foi também fundamental para a

¹⁴⁴ CRUZ, 2005, p. 38 apud GIULIANOTTI, 2002, p. 94.

localização periférica dos estádios, que assim facilitava a acessibilidade, devido à proximidade das fábricas e estações de comboio. (HEATHCOTE, 2004 apud ARRUDA, 2009, p. 35).

As construções do Parque São Jorge e do Parque Antártica, ainda que guardem suas especificidades, pertencem a um período da história das edificações esportivas marcado por improvisos e adaptações. A implementação tardia de um projeto arquitetônico é marcada pela *estrutura aberta* que se assemelha ao “modelo em U” associável à tradição helênica de integração da arena com a cidade. Contudo, os primeiros casos no Brasil revelam uma limitação espacial e econômica dos responsáveis pela obra que a desenvolviam a partir das condições físicas da planta do clube e o seu patrimônio¹⁴⁵.

Como mencionado anteriormente, a Ponte Grande foi o palco em que o Corinthians mandou seus jogos até a inauguração, em 1928, do Parque São Jorge, parte adquirida do complexo do Sport Club Sírio, em 1926, que vivia crise financeira. O caso do Parque São Jorge aponta para a acomodação espacial das arquibancadas pensada a partir de uma maior eficiência e praticidade. O formato retangular produz, a grosso modo, dois segmentos das arquibancadas: nas laterais do campo e atrás dos gols. Essa diferenciação é mantida também como uma estrutura social.

Segundo Bale (1993) e Giulianotti (2000), a manutenção das divisões de classe na Inglaterra da virada do século XX está ligada à estrutura espacial dos estádios, sobretudo em suas arquibancadas. Setores diferenciados providos de assentos com cobertura para os dirigentes, convidados e pra todo público que puder pagar mais caro são construídos em zonas com melhor visibilidade e acesso. Em contrapartida, os ingressos mais baratos são oferecidos para os setores mais precários da arquibancada, geralmente atrás das metas. No estádio de Parque São Jorge esse modelo é visto

¹⁴⁵ CERETO, 2003, p.7.

precisamente. Com a mudança definitiva para a zona leste, região fabril e ocupada por moradias operárias, uma parte significativa do público corinthiano pode acessar as arquibancadas do novo estádio.

Figura 4 – Estádio Alfredo Schurig.

Fonte: <<http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2010/09/o-coringao-centenario.html>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

Embora mantenha a hierarquização do público nas arquibancadas, o Parque Antártica é elaborado e reelaborado no “modelo em U”, e sinaliza um tipo de monumentalização do aparelho esportivo que estará presente na construção da maior parte dos estádios na chamada “era de ouro” do futebol, romantizada a partir da construção do Pacaembu, em 1940. Sobre a figura do estádio como monumento, há um repertório bibliográfico importante a esse respeito, substancialmente sobre a discussão do papel dos estádios como símbolos ufanistas e espaços de propaganda dos regimes vigentes, como mencionado anteriormente. De acordo com Gaffney e Mascarenhas (2006, p. 1) os estádios “estrategicamente disseminados pelos regimes ditatoriais em médias e grandes cidades (...) funcionam como monumentos que celebram o prestígio e poder do jogo”.

A construção dos estádios, neste sentido, está relacionada a uma lógica de criação de monumentos destinados a inclusão hierarquizada do público e a afirmação de um discurso hegemônico. “A retomada das edificações no século XX, após o hiato estabelecido para competições esportivas envolvendo grandes aglomerações prioriza um

teria o papel de aglutinar os diferentes italianos de São Paulo em torno de um sentido compartilhado, ou como se notabilizou o conceito, de uma identidade coletiva. O Parque Antarctica, assim, pretendia ser o símbolo da força de uma etnicidade italiana forjada pelo futebol. Em outros termos, o estádio urbano passa a constituir um lugar, na definição de Marc Augé (1992), sendo identitário, relacional e histórico, onde os utilizadores tornam-se mais próximos, aumentando a ligação ao clube.

O caráter simbólico que os estádios desempenham no cenário esportivo constitui o solo comum da topografia clubística da cidade. Na batalha simbólica pela hegemonia do futebol, o Palestra Itália conquistou uma massa significativa de torcedores, em sua maioria italianos e descendentes, e se estabeleceu como uma referência oposta ao clube de Parque São Jorge pela filiação quase estritamente de *assistentes* italianos, e também pela localização geográfica.

Esta última perspectiva construída pelos estudos de futebol tem um marco importante que deve ser destacado. *Landscapes of modern sports*, de John Bale (1994), abriu uma janela importante para se observar o fenômeno urbano e esportivo. O autor volta-se para dois aspectos: “o que o estádio, como o lugar onde o jogo de futebol acontece, significa para diferentes grupos de pessoas em uma cidade; e as implicações que estes significados podem ter para o futuro do futebol britânico”¹⁴⁸. Suas reflexões centradas no caso inglês indicam, a partir das transformações do futebol do início do século, uma tendência racionalista e modernista que é sentida em outras esferas além do futebol¹⁴⁹.

Já ao observarmos a experiência paulista, vislumbramos o princípio de uma identificação regional no município e, com o desenvolvimento socioeconômico desigual de estratos distintos da sociedade, germinam-se as mitificações tanto da agremiação dos

¹⁴⁸ CRUZ, 2005, p. 18.

¹⁴⁹ Ibid., p. 18.

italianos, situados num bairro em grande ritmo de modernização e ascensão social de seu público habitante que é dragado para o clube, quanto do time do povo, instalado num bairro pobre, numa região cujo valor imobiliário decresce com a retificação e própria poluição do rio, e o estreitamento dos espaços públicos com as obras paisagísticas, e que resulta num movimento natural da população mais carente da cidade em ocupá-la e encontrar uma identificação com o clube de Parque São Jorge.

Ao fundir a geografia aos estudos sobre futebol, Bale incorpora as noções de topofilia¹⁵⁰ para tentar compreender a dinâmica das relações do público com o equipamento urbano-esportivo. O estádio, portanto, funciona como um efêmero espaço de comunhão social, tal como a igreja em pequenas cidades. Incorporando a dimensão sociocultural construída na relação do espectador com o estádio, os estudos sobre as arenas esportivas atraíram outros referenciais teóricos que merecem ser apontados.

Mascarenhas e Gaffney (2006) incluem os estádios ao conjunto de espaços modernos – como as escolas, hospitais e prisões – numa perspectiva *foucaultiana*, considerando sua arquitetura, organização e política como forma de controle social e consolidação de um poder hegemônico. Nestas praças esportivas, a busca pela inibição da violência – pela polícia e pela separação de torcidas –, a domesticação da convulsão social transmutada nas diversas formas do torcer, a hierarquização da arquibancada como expressão da manutenção do *status quo* e a valorização do estádio como templo sagrado do futebol que legitima toda a sua estrutura compõem os átomos dessa *microfísica do futebol*.

¹⁵⁰ O termo foi usado pela primeira vez pela geografia com a intenção de descrever as ligações afetivas entre os seres humanos e o meio material que vive (CRUZ, 2005, p. 41).

Considerações Finais

O percurso desta pesquisa foi tortuoso e muitas vezes inundado com o volume de informações carregas pelas tempestades teóricas e documentais precipitadas aqui. Tal como um rio, esta é uma condição natural no labor da pesquisa. À contramão das retificações consagradas nos trabalhos acadêmicos, esta dissertação ousou a traçar uma narrativa que atendesse um olhar abrangente da paisagem paulistana num período arduamente recortado diante dos diversos processos em curso e temporalidades sobrepostas.

A maior dificuldade, no entanto, recai sobre o exercício do pesquisador de uma geração imersa numa linguagem dinâmica e fragmentada e acionada a cumprir atividades simultâneas e extasiantes. Essa aparente *mea culpa* na realidade é uma iniciativa que busca transmitir honestidade ao leitor em assumir as diversas lacunas e as interrupções sinápticas fatalmente flagradas ao longo do texto.

“Um rio e dois parques” é o título alegórico da sinédoque de um cenário projetado nesta pesquisa em que os estádios de Corinthians e Palestra Itália se revelariam como manifestações simbólicas da rivalidade entre os clubes. O andamento lento da pesquisa acarretou uma constatação tardia da improcedência deste quadro. O debruçar na diversificada bibliografia consultado, no entanto, permitiu uma leitura mais segura das transformações decorridas na cidade.

O maior temporal que revirou São Paulo não foi nenhuma das diversas enxurradas que inundaram diversas ruas, casas e pioravam as já precárias condições de

vida da população pobre da cidade. Este temporal era carregado dos trovões da modernidade que incutiram uma transformação profunda em toda paisagem.

A modernidade trouxe um novo ritmo da cidade, com a abertura de novas vias, dos novos meios de transporte e com a indústria que demandava uma nova ordem do trabalho; uma nova noção do tempo, agora mais longo, no dia a dia com a energia elétrica e na longevidade da população com o desenvolvimento da medicina, farmacologia e o sanitarismo; uma nova concepção sobre a cidade que deveria facilitar a circulação de pessoas e bens e oportunizar opções de lazer e lugares de convívio.

No entanto, estas novas disposições eram de acesso restrito e muitas vezes discriminavam, agrediam e eliminavam a população pobre da cidade. As benfeitorias sustentadas no tecnicismo típico da costumeiramente chamada segunda revolução industrial chegara tardiamente em São Paulo, ainda que precocemente em relação a maior parte do país.

Mudanças profundas atingiram a cidade, inundando a feição tradicional dos espaços, da cultura, da sociedade e da política da cidade. Dentre as novidades que o mundo urbano apresentava, o esporte tomou afeição dos munícipes, sobretudo, o futebol tornou-se elemento fundamental no entendimento deste período.

Atividade de recursos modestos para sua realização e que permitia a participação de quase duas dúzias de pessoas, o futebol ocupou diversos cantos da cidade, desde os nobres campos dos clubes dos homens de prestígio, passando pelos pátios de fábricas e chegando até as várzeas espalhadas pela cidade.

O futebol tornara-se um componente da rotina do paulistano, seja para praticá-lo ou mesmo assisti-lo. Neste cenário, forma-se um novo degrau na estratificação social arregimentado pela avalanche migratória estrangeira: as camadas médias, representadas pelo comerciante, o profissional liberal e o pequeno empreendedor.

Estes novos e numerosos personagens do palco paulistano também vislumbraram participar da performance da “Dança dos Deuses”, conforme intitula Hilário Franco Júnior em sua obra, ainda que desempenhem papéis distintos: protagonistas, coadjuvantes, figurantes, contrarregras, figurinistas, roteiristas e o diretor.

A proliferação dos clubes motivados pelo desejo pela *football association* criou um espaço de atividades gozados pela elite paulistana que, aristocrática e herdeira de um ranço escravista de pouco mais de duas décadas pós-abolição, até então garantia a exclusividade dos louros do exercício do novo esporte foi ameaçada pelo interesse da população mais pobre, mestiça e negra e os integrantes das camadas médias urbanas.

Conforme Nicolau Sevcenko, o esporte:

[...] surgiu e se impôs como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do sportmanship (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade). Ao se apropriar dele a burguesia o traduziria em termos de agressividade, competitividade e imperativo da vitória. (SEVCENKO, 1998, p. 575).

Esta reflexão sobre a mudança do espírito do esporte aplica-se com maior nitidez ao futebol fundamentalmente pelos solavancos crescentes rumo a sua profissionalização. A rigor, o esporte, invenção das sociedades industriais, não tardaria a se alinhar a uma lógica de mercado, esta entendida como a forma responsável pela sua complexificação, reprodução e expansão massiva.

O movimento de formação de quadros de selecionados estaduais, por exemplo, atendeu uma demanda compreensível no contexto do esporte. Atividade do mundo moderno, o esporte incorpora o ritmo e o desenvolvimento da sociedade industrial, se especializando; concentrando renda e hierarquizando seus protagonistas; asseverando a competição; expandindo seus limites territoriais, encontrando outros mercados – nisso

converge a sua internacionalização e o ingresso selecionado e customizado de segmentos discriminados da sociedade (alguns irão ao estádio, outros serão sócios, outros poucos jogadores dos grandes clubes, e muitos irão acompanhar no rádio ou mesmo no jornal do dia seguinte).

A proliferação das praças esportivas e fundamentalmente a construção dos estádios de futebol são uma decorrência fatídica do desenvolvimento da modalidade enquanto espetáculo de grandes proporções.

A ideia de “templo” recorrentemente atribuída aos estádios não é aleatória. Um templo é um local de uma determinada liturgia, onde se executa um ritual consagrador com o sentido contido em si. Assim, os estádios de Parque São Jorge e Parque Antártica são espaços de convívio de um conjunto de pessoas atraídas por uma reverência do próprio evento e que se relacionam de forma identitária por comungarem, cada um em seu “templo” e às especificidades do seu lugar, dos mesmos dogmas. Enquanto monumento, os estádios perpetuam uma parcela da memória coletiva destes frequentadores e são capazes de reproduzir as relações sociais do seu entorno e tornar-se um grande palco de manifestação de poder.

Bibliografia

AMERICANO, J. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Saraiva, 1957.

_____. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

ANDRADE, A. G. R. *Sobre a disciplina do futebol brasileiro: uma abordagem pela justiça desportiva brasileira*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

ANTUNES, F. M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, São Paulo, São Paulo, n. 22, p.102-109, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.

ARAÚJO, J. R. C. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas, 1996.

_____. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000.

ARRUDA, M. J. *O estádio na cidade contemporânea: o caso particular dos estádios de futebol e o Euro 2004*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

AUGÉ, M. *Não-Lugares: introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90ª Ed., 2002.

AVRITZER, L.; COSTA, S. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, p.703-728, 2004.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BALE, J. *Landscapes of modern sports*. Leicester: Leicester University Press, 1994.

BANCHETTI, L. D; MACHADO, F. M. Nas arquibancadas e nas tribunas! O binômio futebol/política na vivência dos estádios durante o governo Vargas: Pacaembu e São Januário. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 80-93, 2009.

BLUNDELL, N; MACKAY, D. *The history of the Olympics*. Londres: PRC, 1999.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BURKE, P. A história social dos clubes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 fev. 2002. Caderno Mais!

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2402200203.htm>)

_____. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

BRUNO, E. S. *História e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1991. v. 3.

CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1893-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAPELATO, M. H. R. “Os intérpretes das luzes”: liberalismo e imprensa paulista: 1920-1945. Tese de Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.12, n. 23/24, p. 55-75, set./ago. 1992.

_____. *Imprensa e história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

CERETO, M. P. Estádios brasileiros de futebol, uma reflexão modernista? In: *Anais... 5º Seminário DOCOMOMO Brasil*, 2003, p. 1-15.

CORREA, T. G. *Contato Imediato com Opinião Pública*. São Paulo: Editora Global, 1998.

CRUZ, A. H. O. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DA MATTA, R. (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. (Org.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

DIAFÉRIA, L. *Coração Corinthiano*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1992. Coleção Grandes Clubes do Futebol Brasileiro e Seus Maiores Ídolos.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e Sociedade, 1995.

EVERDELL, W. R. *Os primeiros modernos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FEIBURG, F. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, J. F. *A construção do Pacaembu*. São Paulo: Paz e Terra. 2008. Coleção São Paulo no Bolso.

GAY, P. *Modernismo: o fascínio da heresia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUERRA, F; LEMPÉRIÈRE, A. “Introducción”. In: _____ (et al.). *Los espacios públicos en Iberoamerica. Ambigüedades y problemas, siglos XVIII-XIX*. México: Centro Francés de Estudios Mexicanos y Centroamericanos/Fondo de Cultura Económica, 1998, pp. 5-21

FERNANDEZ, R. L. *Fluminense Football Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Para a obtenção de grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

FERRANDO, M. G; OTERO, F. L (Org.). *Sociología del deporte*. Madrid: Alianza, 1998.

FONTENELLE, A; STORTI, V. *A história do campeonato paulista*. São Paulo: Publifolha, 1997.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

FRANZINI, F. *As raízes do país futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paul, São Paulo, 2000.

_____. *Corações na ponta das chuteiras: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. São Paulo: DPA, 2003.

GAFFNEY, C; MASCARENHAS, G. O Estádio como espaço disciplinar. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 14, nov./fev. 2006.

GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEATHCOTE, E.; TOY, M. *Taveira Sports Architecture*. Londres: Artmedia, 2004.

HELAL, R.; SOARES, A. J. G; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, E. J. *História social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Sobre História: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JESUS, G. M. Várzeas, operários e futebol: uma nova geografia. *Geographia*, UERJ, Rio de Janeiro, s/n, p. 9.

Disponível em:

<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/90/88>>.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado: para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós, 1993. p. 111-112.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LEONCINI, M. P. *Entendendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol*. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LEVINE, R. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J. J. S. B; WITTER, J. S. (Org.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imesp/Daesp, 1982.

LOSEKANN, C. A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro. *Pensamento Plural*, Pelotas, n. 4, p. 37-57, jan./jun. 2009.

LOPES, J. S. L. 1994. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, São Paulo, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.

SANTOS, C. J. F. Várzea do Carmo: lavadeiras, caipiras e “pretos veios”. *Memória e Energia: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo*, São Paulo, n. 27, p. 4, 2000.

SESSO JR, G. *Retalhos da Velha São Paulo*. São Paulo: Graphica Municipal, 1983.

LOUZADA, R. Identidade e rivalidade entre os torcedores de futebol na cidade de São Paulo. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 17. mar./ago. 2011.

- LOWY, M; SAYRE, R. *Revolta e melancolia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- LUBENOW, A. J. *A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas*. Tese Doutorado em Filosofia. Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- MCDOWALL, D. *Light: a história da empresa que modernizou o Brasil*. São Paulo: Ediouro, 2008.
- MADIO, T. C. C. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de São Paulo. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 61-91, 2007.
- MARINS, P. C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque a era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.
- MARTINS, J. S. *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1974.
- MAZZONI, T. *A História do futebol no Brasil, 1984-1950*. São Paulo: Leia: 1950 [1939].
- MEIHY, J. C. S. B.; WITTER, J. S. (Org.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imesp/Daesp, 1982.
- NAPOLEÃO, A. C. *Corinthians X Palmeiras: uma história de rivalidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- NEGREIROS, P. J. C. Futebol nos anos 1930 e 1940: Construindo a identidade nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003.
- _____. *A Nação entra em Campo: Futebol nos anos 1930 e 1940*. Tese de Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1998.
- _____. O estádio de Pacaembu. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 3, n. 10, maio 1998.
- _____. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. Dissertação de Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.
- OLIVEIRA, J. P. Uma etnologia dos índios misturados: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.
- OLIVEIRA, J. P. de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana* [online]. 1998, vol.4, n.1 [cited 2013-05-25], pp. 47-77.

PAOLI, M. C. São Paulo operária e suas imagens (1900-1940). *Espaço e Debate: Revista de Estudos Regionais e Urbanos*, São Paulo, n. 33, 1981.

_____. Trabalhadores e cidadania: experiência do mundo público no Brasil moderno. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.3, n.7, p. 40-66, 1989.

PEREIRA, L. A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PILAGALLO, O. *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas. 2009.

PORTELLA, O. *Vocabulário Etimológico Básico do Acadêmico de Letras*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, n.33, p.103-119, 1994.

REALI, E. *Brás, Pinheiro, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo: Edusp, 1982.

RIBEIRO, A. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, J. C. *Sempre Alerta. Condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho d'água, 1994.

RODRIGUES, C. A. F. G. Olhares sobre a cidade: reflexos das alterações urbanas na formação do jogador de futebol ao longo do século XX. *Horizonte Científico*, Uberlândia, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/3982/2966>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 6, n. 11, p. 260-299, jan./jun. 2004.

RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROLNIK, R. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

ROSENFELD, A. *Negro, Macumba e Futebol*. 3ª reimpressão. 1933. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SALUN, A. O. *Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?* Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTANNA, L. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto Ana Rosa, 1925.

SANTOS, J. A. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil*. Dissertação de Mestrado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS NETO, J. M. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, T. C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.

SEABRA, O. C. L. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão*. Livre Docência em Geografia Humana. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático da Metrópole: São Paulo nos frementes anos 20*. Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo, 1992.

_____. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, São Paulo, São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.

_____. (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque a era do rádio*. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

_____. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação da primeira república*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

SILVA, S. R. Da. A construção social da paixão no futebol. In: DAOLIO, J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

SIMÕES JÚNIOR, J. G. *O setor de obras públicas e as origens do urbanismo na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1990.

SINGER, B. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

SOMEHK, N. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Edusp/Studio Nobel/FAPESP, 1997.

STREAPCO, J. P. F. *“Cego é aquele que só vê a bola”*: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

TRAVASSOS, E. *Modernismo e música brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TOLEDO, L. H. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

TONINI, M. D. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

TORRES, M. C. T. M. *O bairro do Brás*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/DPH, 1969. Série História dos Bairros de São Paulo.

TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989.

UNZELTE, C. D. *Timão 100 anos, 100 jogos, 100 ídolos*. São Paulo: Gutenberg, 2010.

_____. *Enciclopédia do Corinthians*. São Paulo: Placar, 2000.